



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Rafaela de Abreu Martins

DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Palmas – TO

2019

Rafaela de Abreu Martins

DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Pesquisa elaborada e apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profª Dra. Ana Beatriz Dupré Silva

Palmas – TO

2019

Rafaela de Abreu Martins

DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Pesquisa elaborada e apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^a Dra. Ana Beatriz Dupré Silva

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dra. Ana Beatriz Dupré Silva

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a M.e. Ruth do Prado Cabral

Centro Universitário Luterano de Palmas

Prof.a M.e. Thaís Moura Monteiro

Centro Universitário Luterano de Palmas

Palmas – TO

2019

Dedico esse trabalho a todos os adolescentes que participaram dos grupos de Orientação Profissional no Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto e, de forma especial, à professora doutora Ana Beatriz Dupré Silva, por toda atenção, cuidado e empenho dedicados ao Projeto de Extensão Orientação Profissional.

AGRADECIMENTOS

“Peça a Deus que abençoe os seus planos e eles darão certo” (Provérbios 16:3). Agradeço primeiramente a Ele pelo dom da vida, discernimento e força.

Aos meus pais Sinésio e Zilda, e meus irmãos Wallison e Aparecido, muito obrigada por todo apoio, cuidado e orações. Vocês são a minha base!

À minha querida professora e orientadora Ana Beatriz, gratidão por toda disponibilidade, atenção, paciência e ensinamentos. Obrigada por me permitir vivenciar experiências tão incríveis ao longo da graduação, obrigada por confiar no meu trabalho e acreditar no meu potencial.

Com carinho também agradeço ao Fernando, Joel e Alessandra por todos os momentos compartilhados conduzindo grupos de Orientação Profissional, à psicóloga Gabriela Haeffner pela oportunidade de atuação no campo (CREAS), à cada um dos adolescentes que se dispuseram a fazer parte dos grupos, e à cada participante dessa pesquisa, pois sem vocês, nada teria feito.

Preciso dizer ainda que meu coração transborda gratidão ao lembrar de pessoas que caminharam ao meu lado durante esse percurso, dividindo pesos e tornando esse processo mais leve. De forma especial, agradeço a Keila, Josiane, Laryssa, Raul, Aryane, Lorena, Paulo Henrique, Joice, Jéssica, Adrielly, Marcelle, Maria Gabriela, Keldna, Karlla, Laura, Marlene, Lisandra, Bruno, Gabriella, Vanessa, Giseli, Fernanda e Eduardo. Vocês são maravilhosos! E Fernando, obrigada também por todas as dicas e por todo auxílio, você é demais, Skinner!

À professora Me. Thaís, agradeço pela escuta e acolhida no início de tudo, obrigada por cada ideia e sugestão. Às professoras Me. Ruth e Dra. Parcilene, minha gratidão por todas as contribuições, pois, sem dúvidas, elas enriqueceram ainda mais este trabalho.

Finalizo afirmando que é impossível descrever com palavras a importância que o Projeto de Extensão “Orientação Profissional” tem para mim, o quanto cresci ao longo de cada grupo. Enfim, fecho esse ciclo com muita gratidão e felicidade. E que venham novas experiências e novos desafios!

Não considere nenhuma prática como imutável.
Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não
aceite verdade eterna. Experimente (SKINNER,
1969).

RESUMO

MARTINS, Rafaela de Abreu. **Dinamizando um Protocolo de Orientação Profissional**. 2019. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

Sabe-se que a adolescência é um período marcado por inúmeras transformações na vida do indivíduo e que este precisa assumir um novo papel, tomando decisões em relação ao seu futuro (ALMEIDA; PINHO, 2008). Diante dessa realidade, a Orientação Profissional é apresentada como um suporte para esses adolescentes na escolha de uma futura profissão. Destaca-se, nesse contexto, o trabalho da psicóloga e doutora Cynthia Borges, que propôs um Programa-Modelo de Orientação Profissional que contém atividades vivenciais além de materiais que exigem as práticas de leitura e escrita. Assim, a presente pesquisa teve por objetivo traçar adaptações ao Protocolo, para que ele se tornasse mais dinâmico quando aplicado a indivíduos pouco letrados. O estudo é classificado como qualitativo, descritivo, aplicado, com levantamento de campo e ex post facto. A amostra da pesquisa foi composta por 10 acadêmicos e 10 egressos do curso de Psicologia do Ceulp Ulbra, que relataram suas experiências conduzindo grupos de Orientação Profissional, replicando o Protocolo de Cynthia Borges. Por meio da análise do conteúdo verbalizado pelos participantes, foi proposta uma releitura do Programa.

Palavras-chave: Orientação Profissional. Programa-modelo. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

It is known that adolescence is a period marked by numerous transformations in the life of the individual and that they need to take on a new role in the society, making decisions and regarding their future (ALMEIDA; PINHO, 2008). As of this reality, the Professional Guidance is presented as a support for these teenagers in the choice of a future career. Stands out, in this context, the work of the Psychologist Cynthia Borges, that proposed a Model-Program of Professional Guidance, that has experimental activities beyond materials that demand reading and writing practice. Therefore, the present research had the objective of drawing adaptations to the protocol, so that it became more dynamic when applied to unlettered individuals. The study is classified as qualitative, descriptive, applied, with field survey and ex post facto. The research sample consisted of 10 academics and 10 graduates of the Psychology course of Ceulp Ulbra, in Palmas-TO, who reported their experiences conducting groups of Professional Orientation, replicating the Protocol of Cynthia Borges. By means of the analysis of the content verbalized by the participants, a re-reading of the Program was proposed.

Keywords: Professional Guidance. Model-Program. Behavior Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Respostas dos participantes quando a duração do programa.....	44
Gráfico 2 – Respostas dos participantes quanto a participação de adolescentes pouco letrados nos grupos conduzidos	45
Gráfico 3 – Respostas dos participantes quanto a adolescentes com dificuldade na realização das atividades propostas	46
Gráfico 4 – Respostas dos participantes quanto ao engajamento e colaboração dos adolescentes nos grupos conduzidos.....	47
Gráfico 5 – Respostas dos participantes quanto aos comportamentos e características próprios da adolescência	48
Gráfico 6 – Respostas dos participantes quanto a influência no processo de escolha.....	49
Gráfico 7 – Respostas dos participantes quanto ao número de atividades de leitura e escrita.....	49
Gráfico 8 – Respostas dos participantes quanto a dificuldades na replicação do Protocolo.....	50
Gráfico 9 – Respostas dos participantes quanto ao que tiveram maior facilidade durante a replicação do Protocolo de Cynthia.....	50
Gráfico 10 – Respostas dos participantes quanto as adaptações durante a replicação.....	51
Gráfico 11 – Respostas dos participantes quanto a modificação dos anexos.....	51
Gráfico 12 – Respostas dos participantes quanto a experiência como condutores.....	55
Quadro 1 – Sessão de Pré-Orientação do Protocolo de Orientação Profissional	58
Quadro 2 – Sessão de Pré-Orientação com adaptações propostas pela autora da pesquisa	59
Quadro 3 – Primeira Sessão do Protocolo de Orientação Profissional	59
Quadro 4 – Primeira Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa... ..	60
Quadro 5 – Segunda Sessão do Protocolo de Orientação Profissional	60
Quadro 6 – Segunda Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.....	61
Quadro 7 – Terceira Sessão do Protocolo de Orientação Profissional	62

Quadro 8 – Terceira Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.....	62
Quadro 9 – Quarta e Quinta Sessões do Protocolo de Orientação Profissional	63
Quadro 10 – Quarta e Quinta Sessões com adaptações propostas pela autora da pesquisa	64
Quadro 11 – Sexta Sessão do Protocolo de Orientação Profissional	65
Quadro 12 – Sexta Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa	65
Quadro 13 – Sétima Sessão do Protocolo de Orientação Profissional	66
Quadro 14 – Sétima Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.....	67
Quadro 15 – Oitava Sessão do Protocolo de Orientação Profissional	67
Quadro 16 – Oitava Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.....	68
Quadro 17 – Sessão de Pós-Orientação do Protocolo de Orientação Profissional.....	68
Quadro 18 – Sessão de Pós-Orientação com adaptações propostas pela autora da pesquisa	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABOP	Associação Brasileira de Orientação Profissional
AC	Análise do Comportamento
ACD	Análise Comportamental do Discurso
AIOSP	Associação Internacional de Orientadores Escolares e Profissionais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
COTAS	Programa de Inclusão Social e Racial
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FIES	Programa de Financiamento Estudantil
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
SEPSI	Serviço Escola de Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ADOLESCÊNCIA	17
2.1 DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL.....	19
2.1.1 A Busca pela identidade	19
2.1.2 Sexualidade	20
2.1.3 Relacionamentos.....	21
2.2 INFLUÊNCIAS SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR.....	23
2.3 QUESTÕES EDUCACIONAIS E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES.....	25
2.4 ADOLESCENTES NO MERCADO DE TRABALHO	26
3 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	28
3.1 A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL.....	29
3.2 A ORIENTAÇÃO E O EMPODERAMENTO DE CLASSES	29
4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E PROCEDIMENTOS DE GRUPO	32
4.1 CONCEITOS BÁSICOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	32
4.2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E GRUPOS	34
5 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL SOB O ENFOQUE DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E OUTRAS ABORDAGENS	36
5.1 A PROPOSTA DE CYNTHIA BORGES DE MOURA.....	37
6 METODOLOGIA	38
6.1 DESENHO DO ESTUDO	38
6.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	38
6.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	38
6.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO E VARIÁVEIS.....	39
6.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIA DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	39
6.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	42
6.7 DESFECHOS	43
7 RESULTADOS	44
8 DISCUSSÃO	56
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	71

APÊNDICES	76
ANEXOS	85

1 INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser caracterizada como uma fase de inúmeras transições, corporais e psicológicas. O indivíduo, ao se deparar com o mundo adulto, precisa se desprender do papel de criança, assumindo uma nova identidade e buscando adaptação a ela (ABERASTURY, 1981).

Para Almeida e Pinho (2008), é um período de tomadas de decisão em relação ao futuro, e há uma necessidade pela escolha de uma profissão. Tal escolha pode ser influenciada por fatores como a percepção que a pessoa tem a respeito de si, do mundo, do conhecimento sobre a realidade das profissões, além das influências externas como as sociais e principalmente familiar.

Nesse contexto é comum o aparecimento de ansiedade e conflitos, visto que há um embate entre aquilo que o indivíduo se identificou na infância e as reais condições da vida adulta (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Diante dessa perspectiva, a Orientação Profissional tem sido desenvolvida com o intuito de dar suporte aos adolescentes nesse processo de decisão, facilitando-o ao promover autoconhecimento e compreensão dos aspectos influenciadores, incluindo nestes o entendimento acerca do meio no qual o sujeito está inserido (LUCCHIARI, 1993).

Neste cenário, destaca-se a pesquisa da psicóloga e doutora Cynthia Borges de Moura que, tendo como embasamento teórico os pressupostos da Análise do Comportamento para produzir um conteúdo diferente dos modelos psicodinâmicos existentes, propôs um programa modelo de Orientação Profissional, composto por dez encontros grupais, contendo diferentes atividades que exigem do participante a vivência com as práticas de leitura e escrita (MOURA, 2004).

Tendo em vista o trabalho desenvolvido por Cynthia, o presente estudo teve como problema de pesquisa: “considerando a replicação do protocolo de Orientação Profissional elaborado por Cynthia Borges, com atividades extensas de leitura e escrita e a participação de indivíduos com pouca vivência com essas práticas, quais adaptações podem ser feitas às tarefas para tornar o Programa mais dinâmico? ”.

É importante destacar que não houve estabelecimento de hipóteses porque se trata de um estudo de método indutivo e, a partir do problema de pesquisa, teve-se como objetivo geral traçar adaptações ao Protocolo de Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento, criado por Cynthia Borges, de forma a atender pessoas pouco letradas.

No que se refere ao termo “pouco letrados”, é importante conceitualizar a diferença entre “alfabetização” e “letramento”, apesar de serem termos interligados. Um indivíduo pode ser considerado alfabetizado quando já passou pelo processo de aprender a ler e a escrever, tendo capacidade para tal e, letrado, quando consegue utilizar, com propriedade, a leitura e a escrita nas práticas sociais, nos diferentes contextos de sua vida (ALMEIDA; FARAGO, 2014).

Então, para cumprir com o objetivo geral, foram estabelecidos como objetivos específicos: mapear os objetivos de cada atividade proposta pelo Protocolo de Orientação Profissional de Cynthia Borges; levantar as principais dificuldades e facilidades encontradas por condutores de grupo que replicaram o Protocolo; determinar dinâmicas de grupo que possam substituir atividades do Protocolo e/ou torná-las mais dinamizadas, promovendo maturidade sobre escolha profissional.

Salienta-se que a presente pesquisa contribuiu de forma significativa pois, ao proporcionar tarefas mais dinamizadas, pode-se despertar um maior interesse nos adolescentes pouco letrados para a realização do que é solicitado, facilitando a chegada ao objetivo final do programa, sendo este o amadurecimento para a escolha profissional e de outros âmbitos da vida, colaborando de forma positiva para o desenvolvimento de cada participante, para o mercado de trabalho e para a sociedade.

Abreu (1993), afirma que

a presença da Orientação Profissional representa progresso na atuação junto aos habitantes das cidades. Seus esforços, somados aos de outros modos de ação da Psicologia ou das demais áreas do saber, podem significar grandes oportunidades para o aperfeiçoamento da qualidade de vida de indivíduos e coletividades (ABREU, 1993, p.126).

Dessa forma, é importante o papel do profissional psicólogo como facilitador desse processo junto à comunidade, para que os indivíduos possam fazer a escolha por uma profissão de forma consciente e madura.

É importante mencionar também que o Protocolo de Cynthia Borges é fruto de sua dissertação de mestrado, defendida no ano 2000, e

(...) foi um dos primeiros estudos realizados sobre Orientação Profissional em Análise do Comportamento, iniciando os trabalhos dos analistas do comportamento nesta área e o primeiro estudo publicado sobre o tema (LUPPI, 2014, p.5).

Dada importância ao estudo de Cynthia, cabe ressaltar que a Orientação Profissional é uma área pouco explorada pelos analistas do comportamento (LUPPI, 2014), logo, a presente pesquisa possibilitou a criação de mais uma forma de atuação do psicólogo nessa área, sob enfoque comportamental, principalmente quando há necessidade de uma releitura do Programa.

Tal necessidade foi percebida diante de uma vivência executando a replicação do Protocolo com adolescentes pouco letrados, que estavam apresentando pouca adesão e engajamento para a realização das atividades, o que levou a elaboração deste estudo.

Por fim, ainda segundo Lucchiari (1993, p.8), “auxiliar na escolha de um trabalho pode ser considerada uma ação preventiva e de promoção do bem-estar (...)”. Assim, como profissional, é importante não só o desenvolvimento de habilidades pessoais e da criatividade como também poder contribuir de forma significativa na vida de outras pessoas, promovendo qualidade de vida.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ADOLESCÊNCIA

O termo desenvolvimento humano pode ser identificado como desenvolvimento do ciclo de vida, correspondendo a um campo de estudo produzido por desenvolvimentistas que, com base na observação, traçam os fatores que permitem as transformações no indivíduo e as características mais regulares, desde quando é concebido até atingir a maturidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Para Dessen e Braz (2005), esse fenômeno engloba tanto questões fisiológicas e bioquímicas como a interação que o organismo pode estabelecer com o meio, considerando os aspectos pessoais, crenças, valores, além de questões históricas e econômicas que caracterizam esse decurso como multifacetado.

É importante ressaltar que para o desenvolvimento e aprendizagem, o tempo é considerado uma condição imprescindível, visto que constantemente há uma reorganização no que se refere à interação, percepção e atividades desenvolvidas ao longo da vida (DESSEN; BRAZ, 2005).

Oito fases podem ser identificadas nesse ciclo, sendo elas “pré-natal, primeira infância, segunda infância, terceira infância, adolescência, início da vida adulta, vida adulta intermediária e vida adulta tardia” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 40-41). Essa divisão em fases é uma construção social, ou seja, a sociedade e a cultura são as responsáveis por delimitar esses estágios, visto que não há nenhum evento que defina decisivamente o início e o final de cada uma delas (EHRENREICH; ENGLISH, 2005 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013), o que justifica a divergência encontrada entre os teóricos na definição da duração de cada etapa.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil a adolescência é compreendida entre os 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990), mas levando em conta as características psicológicas e culturais, é certo enquadrar essa fase entre a infância e a vida adulta sem determinar uma faixa etária representativa (BEE, 1997).

Para Papalia e Feldman, esse estágio “(...) envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 386), o

que permite a compreensão do porquê esse momento pode ser considerado como de muito estresse e turbulência emocional, já que o adolescente precisa se adaptar a tantas mudanças.

A puberdade, também presente na adolescência, é o processo no qual o indivíduo passa por modificações biológicas e corporais até atingir a maturidade sexual e a capacidade de reprodução, ocorrendo desde a meninice (PAPALIA; FELDMAN, 2013). É importante enfatizar que a adolescência pode ser vista como um fenômeno psicossociológico, e apesar de estar correlacionada com a puberdade, são conceitos distintos (PALÁCIOS, 2004).

Na puberdade há a atuação de inúmeros hormônios. Nos meninos é comum primeiramente o crescimento dos testículos, o aparecimento de pêlos pubianos, além de mudanças na voz. Nas meninas, é comum observar o crescimento das mamas, os quadris mais arredondados, além do aumento de alguns órgãos, a ocorrência de pêlos pubianos e a menarca (PALÁCIOS, 2004).

Esse desenvolvimento não acontece de forma rápida e existem fatores ambientais e genéticos determinantes para que o amadurecimento seja mais precoce ou tardio e, conseqüentemente, a boa aceitação ou não dessas modificações depende de características pessoais, da percepção do sujeito e de aspectos culturais (PALÁCIOS, 2004).

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo, há a chegada ao nível operatório formal, descrito por Piaget como o momento em que o adolescente possui capacidade de compreensão do abstrato, visualizando possibilidades, sendo capaz de criar hipóteses e testá-las. Além disso, há um constante aumento na velocidade em que as informações são processadas, possibilitando a expressão de respostas com julgamentos morais, emitindo suas próprias opiniões (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Quanto ao desenvolvimento psicossocial, há uma busca pela identidade, a necessidade pela escolha de uma profissão, temáticas relacionadas à sexualidade e o estabelecimento de relações diferentes com familiares, amigos e pessoas próximas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Em síntese

O crescimento do corpo e do cérebro, incluindo os padrões de mudança nas capacidades sensoriais, habilidades motoras e a saúde fazem parte do desenvolvimento físico. Aprendizagem, atenção,

memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade compõe o desenvolvimento cognitivo. Emoções, personalidade e relações sociais são aspectos do desenvolvimento psicossocial (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.37).

Depreende-se então a complexidade dessa transição que engloba todos os âmbitos da vida do indivíduo, afetando também quem está ao seu redor.

2.1 DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

2.1.1 A busca pela identidade

Ao atingir a adolescência, a identidade construída até o momento se torna ineficaz, o que resulta na busca por uma nova que satisfaça às necessidades da vida adulta, incluindo escolhas relacionadas à vida profissional, sexual e religiosa, o que conseqüentemente, pode gerar confusão de papéis (BEE, 1997).

Erikson traz:

Via de regra, é basicamente, a incapacidade de estabelecer uma identidade profissional que perturba os jovens. Para mantê-los uníssono, temporariamente, eles se superidentificam, a ponto de uma aparente perda total da identidade, com heróis de uma turma ou multidão (...) Eles se tornam notadamente apegados aos clãs, intolerantes e cruéis em sua exclusão de outros que sejam “diferentes”, seja pela cor da pele ou pelo background cultural (...) e, comumente, por aspectos inteiramente insignificantes de indumentária e gestos, arbitrariamente selecionados como os sinais de alguém que é parte do grupo ou está fora dele. É importante que compreendamos (...) essa intolerância como a defesa necessária contra um senso de confusão de identidade, que é inevitável nesse período da vida (ERIKSON, 1980, *apud* BEE, 1997, p.97-98).

Dessa forma, é por meio da construção de grupos que o indivíduo pode sentir mais segurança, além de “atingir uma visão integrada de si, o que inclui seus próprios padrões de crenças, metas profissionais e relações” (BEE, 1997, p.353).

Para Erikson, a confusão de papéis pode causar um atraso no amadurecimento psicológico do indivíduo, mas não o caracteriza como patológico. O autor afirma que essa condição reflete de forma evidente nos comportamentos dos adolescentes, que muitas vezes podem ser denominados como “comportamentos caóticos” (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Com o passar do tempo, a capacidade de autoconhecimento e autodescrição é melhorada. Quanto mais próximo do fim da adolescência, melhor é a forma como o adolescente consegue falar de si e suas características, integrando-as mesmo que sejam contraditórias (COLE; COLE; 2004).

Um ponto importante em relação à essas características físicas e formas de se comportar se referem à observação que esses adolescentes fazem de seus próprios comportamentos, visualizando quais seriam os esperados pela sociedade e quais estão sendo emitidos, se questionando sobre o quanto gostam de si, e isso está intimamente ligado a autoestima de cada um (COLE; COLE; 2004).

Por fim, Papalia e Feldman (2013) acrescentam que essa busca por uma identidade está intrinsecamente ligada à confiança, autonomia, iniciativa e produtividade alcançados nos estágios anteriores, e faz parte do curso da vida.

2.1.2 Sexualidade

Para a formação da identidade sexual, o adolescente precisa ter consciência de que é dotado de sexualidade, criar vínculos afetivos ou sexuais, além de reconhecer sua própria orientação sexual e desenvolver uma forma para lidar com o aparecimento dos traços da sexualidade. Essa construção pode afetar diretamente tanto a imagem que o indivíduo tem de si, como também os relacionamentos que ele estabelece com os outros (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A orientação sexual, como mencionada anteriormente, emerge como um ponto a ser reconhecido, e é comum que o adolescente tenha experiências com indivíduos do mesmo sexo, mas isso não o classifica como homossexual ou bissexual, por isso pode haver confusão na identificação da orientação (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O meio social também pode exercer grande impacto nesse reconhecimento pelo adolescente. Papalia e Feldman trazem que “o estigma social pode influenciar esses relatos pessoais, subestimando a prevalência da homossexualidade ou da bissexualidade” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.428). Assim, alguns “podem relutar em revelar sua orientação sexual, até mesmo aos seus pais, por medo de uma forte desaprovação ou de uma ruptura na família” (PATTERSON, 1995; HILLIER, 2002 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013 p.429).

A família também assume um papel crucial nesse contexto. Muitos pais não conseguem conversar de forma clara sobre sexualidade com os filhos, que conseqüentemente buscam por informações com amigos ou na própria escola. Essa dificuldade pode ser justificada pelo fato dos pais também não terem

recebido as orientações necessárias quando mais novos, o que caracteriza uma perpetuação transgeracional desse comportamento (BRÊTAS; SILVA, 2005).

Atualmente é possível visualizar que os adolescentes estão iniciando a vida sexual mais cedo, e isso tem estreita relação com o número de adolescentes contaminados por infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e/ou meninas grávidas. É preciso que os tabus sejam quebrados, pois é necessário falar sobre prevenção, uso de contraceptivos e preservativos (SILVA; SILVA; ALVES, 2004).

Com isso, ressalta-se a necessidade de um maior preparo dos pais, para que possam educar seus filhos de forma coerente, ao passo que a escola dê seguimento aos conhecimentos necessários à esses indivíduos, suprimindo suas dúvidas.

2.1.3 Relacionamentos

O relacionamento que o indivíduo estabelece com os pais durante a adolescência está intimamente ligado à forma como os aspectos emocionais foram desenvolvidos ao longo da infância, e a permanência de conflitos, intensos ou não, de um espaço para diálogo ou não, decorre da intimidade emocional estabelecida entre eles. O modo como o indivíduo se relaciona com seus pais também pode influenciar na futura relação com um parceiro(a), podendo ou não ser um vínculo de maior qualidade (OVERBEEK *et al.*, 2007 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Segundo Bee (1997), é possível visualizar na adolescência uma dicotomia que envolve a independência e a manutenção da relação estabelecida com os genitores. A autora afirma que “o impulso para a autonomia manifesta-se através de mais conflito entre ambas as partes; a manutenção da conexão é entendida no forte apego que se mantém por parte da criança em relação aos pais” (BEE, 1997, p.358).

Denissen, Van Aken e Dubas (2013) trazem que esse também é um momento de mudanças significativas para os genitores desses indivíduos.

Os pais têm que caminhar sobre a linha tênue entre dar suficiente independência aos adolescentes e protegê-los de falhas de julgamento decorrentes da imaturidade. As tensões podem levar a conflito familiar e os estilos de parentalidade dos pais podem influenciar sua forma e desfecho. A monitoração eficaz depende de quanto os adolescentes deixam seus pais saberem sobre suas vidas, e essas revelações podem depender da atmosfera que os pais estabeleceram (DENISSEN; VAN AKEN; DUBAS, 2009 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.437)

Assim, é comum diante do paradoxo autonomia *versus* manutenção da relação, que o adolescente se distancie mais dos pais, se aproximando mais das amizades, mesmo que os pais continuem sendo a base de afeto e atenção e exista apego (BEE, 1997).

Quanto ao relacionamento com os irmãos, se o adolescente destina um tempo maior a outras pessoas, conseqüentemente a relação com esses irmãos passará a receber menos atenção. E, numa proximidade maior com os pais ou amizades, a tendência é a de que se distanciem ainda mais, sendo pouco influenciados por eles (LAURSEN, 1996 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013).

De fato, com o tempo, os irmãos mais velhos passam a exercer menos autoridade sobre os mais novos, ao passo em que estes vão se tornando mais independentes, o que torna a relação mais uniforme. A admiração que os irmãos mais novos sentem pelos mais velhos pode permanecer e, em alguns casos, os mais novos repetem os comportamentos dos mais velhos (BUHRMESTER; FURMAN, 1990 *apud* PAPALIA; FELDMAN (2013).

No que se refere ao relacionamento com outros adolescentes, é possível perceber o compartilhamento de sentimentos e segredos entre si, o que torna esses vínculos mais estáveis (KON; LOSENKOV, 1978 *apud* BEE, 1997).

O grupo de pares é uma fonte de afeto, acolhimento, compreensão e orientação moral; um lugar para experimentação; e um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais. É um lugar para formar relacionamentos íntimos que servem de ensaio para a intimidade adulta (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 441).

Assim, o grau de importância que essas amizades possuem se apresentam de forma recíproca. Os vínculos que não suprem as necessidades e não mantêm essa dinâmica de reciprocidade, são desfeitos ou não são mais vistos com tanta atenção (FELDMAN; PAPALIA, 2013).

Logo, percebe-se uma maior união entre esses adolescentes, bem como sentimentos de lealdade e confiança.

Buhrmester (1996 *apud* Feldman; Papalia, 2013) acrescenta que essa aproximação e vínculo mais sólidos entre os adolescentes pode contribuir significativamente no desenvolvimento da cognição e de aspectos emocionais, já que ao ter intimidade para conversar com esses amigos, passam a falar sobre o que sentem, pensam e se identificam.

As relações amorosas também são presentes durante a adolescência, e atualmente a expressão “ficar” tem sido bastante utilizada para designar alguns vínculos estabelecidos por eles. O conceito “ficar” apesar de denotar duração ou permanência, é utilizado para o sentido oposto. Se trata de momentos episódicos, ocorrendo ocasionalmente, e envolve a troca de carinho. Esse tipo de relacionamento afetivo não exige o estabelecimento de um compromisso para o futuro e pode ser descrito como superficial, fluido, sem muito envolvimento (JUSTO, 2005).

Em suma, os relacionamentos estabelecidos com os pais e os parceiros, apesar de sofrerem modificações, ainda continuam sendo os mais importantes (BEE, 1997).

2.2 INFLUÊNCIAS SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR

Alguns fatores podem desempenhar influência sobre o desempenho dos adolescentes na escola, entre eles “(...) o estilo de parentalidade dos pais, o nível socioeconômico e a qualidade do ambiente doméstico (...) etnia, influência dos pares, qualidade do ensino e a confiança dos estudantes em si mesmos” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 412).

As variáveis socioculturais que exercem influência sobre o desempenho escolar englobam influência da família, escola, vizinhança, influência cultural, entre outros (HALPERN et.al, 2007 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013).

No que se refere às influências sociais e de gênero, é possível encontrar o discurso de que os homens são melhores que as mulheres em Matemática, visto que há predominância do sexo masculino nas áreas de Ciências e Tecnologias. No entanto, trata-se de um mito, de um estereótipo criado na sociedade e que precisa ser desfeito, pois há estudos que comprovam que meninos e meninas possuem a mesma capacidade cognitiva (COSTA; LIMA; HAASE, 2015).

Quanto às práticas parentais, pode-se afirmar que estas são referentes aos diferentes métodos que os genitores utilizam para disciplinar seus filhos. Já o estilo parental pode ser conceituado como um conjunto de comportamentos e ações dos pais, levando em conta também a forma como se caracteriza a relação deles com seus filhos (WEBER, 2012).

Logo, para categorizar os quatro tipos de estilos parentais existentes, pesquisadores americanos levaram em conta dois importantes aspectos:

responsividade, que engloba o afeto e o envolvimento; e a exigência, que engloba as regras e os limites (WEBER, 2012).

O estilo autoritário é caracterizado por muito limite e pouco afeto. Geralmente são genitores que exigem muito dos filhos, são pouco responsivos, costumam impor suas próprias opiniões e colocam muitas regras, de forma inflexível. Como resultado, os filhos geralmente apresentam comportamento passivo, tendendo a ter dificuldades nos processos de escolha, realizando aquilo que os pais impõem (WEBER, 2012).

Já o estilo permissivo é caracterizado por pouco limite e muito afeto. Geralmente esses pais não costumam cobrar muito, não estabelecendo regras e limites. São também muito responsivos, deixando, por vezes, de demonstrar sua autoridade e opinião. Como consequência, os filhos podem apresentar pouca tolerância a frustração e desempenho ruim no que se refere aos estudos, além da possibilidade de existir o sentimento de incapacidade de conseguir o que desejam sem o auxílio dos pais (WEBER, 2012).

O estilo negligente pode ser descrito como aquele em que há pouco limite e pouco afeto. Os genitores tendem a não ser participativos na vida dos filhos, não auxiliam nos processos de escolha e outros importantes, não impondo regras e não se envolvendo afetivamente também. Com isso, pode ser que o indivíduo apresente desempenho muito baixo nos estudos, além da possibilidade de apresentar problemas tanto comportamentais como afetivos (WEBER, 2012).

Por fim, há o estilo participativo, o ideal, caracterizado como aquele em que há muito afeto e muita responsividade. Trata-se de pais que exigem bastante de seus filhos, que impõe regras, mas que também são presentes, auxiliam no que for necessário, levando em consideração a opinião dos filhos. Com isso os filhos tendem a ter mais facilidade nos processos de escolha e melhores desempenhos nos estudos (WEBER, 2012).

Papalia e Feldman (2013) acrescentam que pais que atuam com mais democracia conseguem estimular seus filhos a participarem de escolhas tomadas pela família e são capazes de reconhecer todo aprendizado desses adolescentes. Quando estes apresentam notas ruins, reforçam seus filhos a buscarem melhorias, incentivando-os. Logo, conseguem manter uma relação tanto de

exigência como de receptividade, garantindo um melhor desempenho do adolescente (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Quando a situação é inversa, com pais autoritários, esses adolescentes não possuem direito de expressão e são cobrados a serem cada vez melhores. E, na presença da permissividade, os pais podem até apresentar comportamentos afetuosos, mas agem de forma indiferente em relação ao filho e a escola, por haver a concepção de que cada um precisa responsabilizar por seus próprios atos e futuro (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Assim, fica clara a forma como as práticas parentais e os estilos parentais adotados pelos genitores podem influenciar não somente no desempenho escolar como também no processo de escolha por uma profissão.

O nível socioeconômico também desempenha forte influência no desempenho escolar, visto que tanto o nível de escolaridade dos responsáveis como as condições financeiras podem afetar diretamente na aprendizagem desses adolescentes (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Faz-se de suma importância enfatizar que, dependendo da cultura, esse estilo de parentalidade pode acabar exercendo menos influência que aquela exercida pelos companheiros dos adolescentes, bem como pela motivação e pelo próprio rendimento escolar do indivíduo (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

2.3 QUESTÕES EDUCACIONAIS E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

A escola é uma instituição importante para o desenvolvimento intelectual e social dos adolescentes. É por meio dela que esses indivíduos podem aprender diversos conteúdos, desenvolver antigas e novas habilidades, participar de diferentes tarefas, reconhecer suas potencialidades e construir vínculos (PAPALIA; FELDMAN, 2012).

Nela são moldados os comportamentos que esses adolescentes precisam ter para lidarem com a vida adulta, e os profissionais desse ambiente podem tanto influenciar esses indivíduos a continuarem nos estudos como a trabalharem e/ou se envolver com esportes (BEE, 1997).

O termo “vocação”, bastante associado ao tema “Orientação Profissional”, é conceituado, segundo o Dicionário Aurélio, como “1. ato de chamar; 2. escolha, chamamento, predestinação; 3. tendência, disposição, pendor; 4. talento, aptidão”. (LUCCHIARI, 1998, p.55).

Para a Análise do Comportamento esse termo é equivalente a uma construção social, na qual cada pessoa pode desenvolver habilidades ao longo da vida sob a influência da filogenia, ontogenia (incluindo o papel da família) e cultura. Essa construção ocorre em um ambiente dotado de normas e valores, então é comum que o indivíduo tente ajustar suas características pessoais àquilo que é predominante no momento histórico vivido por ele (MOURA; SILVEIRA, 2002).

Assim, os adolescentes precisam ter conhecimento de quais os seus verdadeiros interesses, entendendo que possuem capacidade para desenvolver habilidades relacionadas a eles, e tomarem decisões mais maduras em relação a escolha profissional.

2.4 ADOLESCENTES NO MERCADO DE TRABALHO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi criado em 1990 no Brasil, com o objetivo de garantir que todas as crianças e adolescentes tenham proteção integral, sendo respaldados por um conjunto de leis, que lhes conferem direitos e atribuem deveres tanto aos seus cuidadores como ao Estado (BRASIL, 1990).

O artigo 53, do capítulo IV, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 traz que “a criança e o adolescente tem direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (...)”. O adolescente tem direito ao acesso gratuito e de permanência nas escolas e, se tratando de adolescentes trabalhadores, é dever do Estado também oferecer o ensino regular no período noturno, conforme o artigo 54 do mesmo capítulo (BRASIL, 1990).

No que se refere à inserção desses adolescentes no mercado de trabalho, o capítulo V, da mesma lei, traz questões relacionadas tanto a profissionalização como proteção desses indivíduos no âmbito laboral. O artigo 60 diz que “é proibido qualquer trabalho a adolescentes de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”. O artigo 65 traz que “ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários” (BRASIL, 2000).

Nessa perspectiva, a condição de aprendiz, mencionada anteriormente, é estabelecida na Lei nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000. É por meio dela que o

adolescente possui direito a um contrato especial para sua formação técnica e profissional, no qual quem o emprega precisa capacitá-lo profissionalmente em um ambiente adequado para o seu desenvolvimento, durante um período de 2 anos (CAMPOS, *et al.*, 2014).

Ainda no que diz respeito à Lei do Aprendiz, o artigo 403 do parágrafo I traz que “o trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola” (BRASIL, 2000). Assim, pode-se afirmar que há de fato uma proteção e preocupação com esses adolescentes, que, segundo a legislação, devem ter os estudos como prioridade.

É importante mencionar que muitas vezes os adolescentes podem adentrar no mercado de trabalho de maneira informal, e entre os motivos que justificam esse fato, está a necessidade de contribuição na renda familiar, o desejo dos pais para que seus filhos tenham um trabalho, sejam independentes, além de uma visão positiva desse laboro, visto como uma forma obter dignidade (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

Quanto aos pontos positivos e negativos em relação a essa inserção, pode-se mencionar, além da possibilidade de ajudar financeiramente em casa, o aprendizado e a qualificação dos adolescentes como algo positivo, e como negativo, o fato de que muitas vezes o tempo gasto para o trabalho poderia ser utilizado para o estudo e lazer a fim de garantir um desenvolvimento saudável (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

Em suma, orientar e preparar os adolescentes para o mercado de trabalho se tornou uma das principais medidas para assegurar um futuro para eles, visto que é por meio do emprego que poderão conquistar maior independência financeira, emocional e social (HELAL, 2010).

3 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A Orientação Profissional surgiu na Europa, no início do século XX, concomitante à criação do primeiro Centro de Orientação Profissional em Munique, no ano de 1902, em decorrência do aumento da eficiência industrial, que proporcionou aos indivíduos da época um maior número de profissões que poderiam ser exercidas, o que refletiu na necessidade da orientação em relação a escolha profissional (CARVALHO, 1995).

Diante dessa realidade, a história da Psicologia Vocacional ou Orientação Profissional, pode ser dividida em duas partes. Em um primeiro momento, entre 1900 e 1950, houve a predominância da Psicometria, com o desenvolvimento de inúmeros testes que avaliavam aptidões e interesses de uma pessoa, observando as habilidades de cada um deles. Assim, tais habilidades eram agregadas às oportunidades profissionais existentes, a fim de que “o homem certo fosse colocado no lugar certo”, visando melhor produtividade (NEIVA, 1995).

O segundo momento, com início no ano de 1950 prevalecendo até os dias atuais, tem como principal característica a superação das estratégias psicométricas, que passaram a ser vistas como insuficientes quando sozinhas (NEIVA, 1995). Nesta fase, a Orientação Profissional passa a ter como foco auxiliar os indivíduos no processo de autoconhecimento e tomada consciente e madura de decisões e escolhas profissionais (CARVALHO, 1995).

Assim, a partir de 1950 surgem várias teorias com o intuito de fornecer diferentes interpretações ao processo de escolha profissional, e que podem ser descritas em três correntes principais, sendo elas a Psicodinâmica, na qual o fator decisivo para a escolha está ligada à motivação, àquilo que impulsiona o indivíduo, a Decisional, na qual cabe ao indivíduo fazer uma análise das possibilidades e de suas respectivas consequências para a determinação da escolha, e a Desenvolvimental, que considera essa decisão como um processo que tem início na infância, perpassando várias fases da vida, nas quais os indivíduos fazem compromissos de acordo com a realidade de cada estágio (NEIVA, 1995).

É importante destacar um marco importante na história da Orientação Profissional: a criação da Associação Internacional de Orientadores Escolares e

Profissionais (AIOSP), na qual os profissionais tanto da Europa como Estados Unidos e Canadá estão organizados desde a década de 1960 (MOURA, 2004).

3.1 A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

Os pressupostos da Psicologia passaram a ser aplicados no contexto das relações laborais no Brasil a partir dos anos 1920, principalmente em decorrência da regulamentação de cursos que objetivavam a profissionalização, tanto para o comércio, como indústria e agricultura. Destaca-se o ano de 1924, quando houve a aplicação sistemática da Psicologia à organização de trabalho no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob a orientação do engenheiro Roberto Mange, que selecionou estudantes para cursar Mecânica Prática na Instituição (ABADE, 2005).

Posteriormente, no governo do General Dutra (1946-1950), os brasileiros passaram a lutar para que a educação fosse direito de todos, e diante da hipótese de falta de igualdade entre os indivíduos no que se refere às oportunidades dadas pelo Estado, passou-se a utilizar um maior número de testes psicológicos. Nesse cenário, houve a criação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas em 1947, visando auxiliar no ajustamento do trabalhador e do trabalho desenvolvido, por meio de estudos científicos (ABADE, 2005).

Um outro marco importante foi a criação da Associação Brasileira de Orientação Profissional em novembro de 1993, durante o Primeiro Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional, em Porto Alegre, com o objetivo de unificar e desenvolver a Orientação Profissional no país, respeitando não apenas a ética como o caráter científico na pesquisa, formação e prestação de serviço dos Orientadores Profissionais (ABOP, 1993).

3.2 A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O EMPODERAMENTO DE CLASSES

De forma geral, ao trabalhar atividades que promovem o autoconhecimento, o conhecimento da realidade das profissões e do mercado de trabalho, bem como uma tomada de decisão consciente e crítica da realidade, pode-se afirmar que o adolescente ganha autonomia e responsabilidade por suas próprias escolhas, independente de sua renda e condição social (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2013).

Muller, Schmidt e Soares (2009) acrescentam que

A orientação profissional tem como finalidade a ampliação da consciência do indivíduo sobre a realidade, instrumentando-o para agir, no sentido de transformar e resolver as dificuldades que essa realidade lhe apresenta, possibilitando uma reflexão acerca dos aspectos psicológicos, econômicos e sociais que influenciam a escolha; discutir a relação homem-trabalho; informar sobre as profissões e possibilitar autoconhecimento relacionado à escolha (MULLER; SCHMIDT; SOARES, 2009, p.39).

Assim, o processo de Orientação Profissional “(...) tem importante papel também na direção da mudança social ao propor uma reflexão sobre o futuro que cada sujeito busca construir não só individualmente, mas coletivamente” (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2013, p.87).

Dessa forma, os programas de Orientação Profissional possibilitam, por meio de reflexões e informações, que os adolescentes de classes econômicas menos privilegiadas possam ser protagonistas e agentes de mudança de suas próprias realidades, para que haja o desenvolvimento individual e social, promovendo, conseqüentemente, saúde e mais qualidade de vida (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2013).

É importante mencionar que, por vezes, mesmo que o processo de Orientação Profissional possibilite aos adolescentes de classes sociais menos favorecidas mais autonomia e empoderamento, ainda assim, alguns desses indivíduos acabam encontrando limitações no seu processo de escolha, em decorrência de suas realidades financeiras, o que implica na necessidade de seguirem outros caminhos profissionais diferentes do desejado (BASTOS, 2005).

Essa realidade reforça a importância de políticas públicas, sendo estas programas, ações e atividades promovidas pelo governo, envolvendo a participação tanto de instituições públicas como privadas, com o objetivo de assegurar o direito de cidadania para determinada classe social (CUNHA, 2006).

Alguns exemplos de políticas públicas criadas pelo Governo Federal são o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), no qual são ofertadas bolsas de estudos aos indivíduos em universidades privadas; Programa de Financiamento Estudantil (FIES), no qual os indivíduos podem financiar dada porcentagem da mensalidade do curso em que estão matriculados (também em instituições privadas), além de outros como Programa de Inclusão Social e Racial (COTAS), presente nos vestibulares das instituições públicas de ensino superior, possibilitando assim mais acesso dos estudantes de classes sociais menos

favorecidas às faculdades, o que pode transformar a realidade de muitos adolescentes mesmo diante de todas as limitações (BONETI, 2003).

4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E PROCEDIMENTOS DE GRUPO

4.1 CONCEITOS BÁSICOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Tendo como base a filosofia do Behaviorismo Radical, a Análise do Comportamento é uma ciência que possui as interações estabelecidas entre o organismo e o meio, ou seja, o comportamento, como seu principal objeto de estudo (ABREU-RODRIGUES; RIBEIRO, 2005).

Skinner (2003) afirma que o comportamento sofre influência da filogenia (aspectos biológicos e evolucionários), ontogenia (histórico comportamental de vida) e cultura (meio do qual o indivíduo pertence). É também complexo, e “desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente (...)” (SKINNER, 2003, p.6).

Para Moreira e Medeiros (2007), os comportamentos podem ser respondentes ou operantes. Os respondentes, também conhecidos como reflexos, produzem alterações corporais no indivíduo de forma involuntária. Assim, um determinado estímulo presente no ambiente pode eliciar determinada resposta fisiológica no organismo, sendo estas, muitas vezes, fundamentais para a sobrevivência.

Quanto aos comportamentos operantes, estes podem ser definidos como “aqueles comportamentos que produzem consequências (modificações no ambiente) e são afetados por elas” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p.47).

Os conceitos “respondente” e “operante” também estão intrinsecamente relacionados ao de condicionamento. Esse último se refere à uma forma de aprendizagem. O condicionamento respondente, descrito por Pavlov, ocorre quando um estímulo, inicialmente neutro, após o emparelhamento com um estímulo incondicionado, passa a eliciar uma resposta inata. Logo, pode-se afirmar que é um reflexo aprendido (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Já no que se refere ao condicionamento operante, que foi descrito por Skinner, Baldwin e Baldwin trazem que

No condicionamento operante, as pessoas aprendem novos padrões de comportamento. Reforço e punição modificam a forma e a frequência de padrões de comportamento. Isso é marcadamente diferente do condicionamento Pavloviano, em que os padrões de respostas reflexas são relativamente fixos (BALDWIN; BALDWIN, 1986, p.18).

Assim, no condicionamento operante, os comportamentos têm probabilidade de ocorrerem novamente ou não de acordo com suas consequências.

Quando as consequências aumentam as chances do comportamento ocorrer novamente, seja pela apresentação de um estímulo reforçador ou pela retirada de um estímulo aversivo do meio, na forma de esquiva ou fuga, dá-se o nome “reforço positivo” e “reforço negativo” respectivamente. Quando a situação é a inversa, diminuindo a probabilidade da ocorrência, pela apresentação de um estímulo aversivo ou pela retirada de um reforçador, dá-se o nome “punição positiva” e “punição negativa” respectivamente (SKINNER, 2003).

É importante mencionar a técnica de modelagem, também relacionada ao condicionamento operante, utilizada para que o organismo aprenda um novo comportamento, “por meio de reforço diferencial de aproximações sucessivas do comportamento-alvo” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p.62).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que na presença de contingências previamente planejadas, é possível a obtenção de comportamentos específicos em determinados contextos, com consequente desenvolvimento dos repertórios comportamentais (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Dois outros conceitos da Análise do Comportamento são extinção e generalização. Para Baldwin e Baldwin (1986), a extinção ocorre quando dado comportamento, mantido por reforço positivo ou negativo, deixa de receber qualquer tipo de consequência, o que leva à diminuição da frequência de resposta. A generalização, entretanto, “ocorre quando o comportamento se torna mais provável na presença de um estímulo ou situação, por ter sido reforçada na presença de outro estímulo ou situação” (MARTIN; PEAR, 2009, p. 121, 122). Em síntese, a generalização acontece quando um organismo responde de forma igual ou semelhante a dois estímulos diferentes, generalizando-os e não os discriminando.

É importante enfatizar também os reforçadores naturais e arbitrários. Moreira e Medeiros (2007) descrevem os reforços naturais como sendo fruto direto do comportamento emitido, e os reforços arbitrários quando são resultados indiretos do comportamento. “Por exemplo, o comportamento de um músico de tocar violão sozinho em seu quarto é reforçado pela própria música (reforço

natural); se ele toca em um bar por dinheiro, referimo-nos a um reforço arbitrário” (MOREIRA; MEDEIROS, p.52).

Skinner traz ainda o reforço social, afirmando que “não se pode descrever o reforço sem referência ao outro organismo” (SKINNER, 2003, p.327). Ou seja, há a exigência da presença de outro organismo no meio para que, de fato, os reforços sociais, tais como a aceitação, apreço, entre outros possam acontecer (SKINNER, 2003). Assim, é evidente a função que um organismo pode exercer em outro ao ter a possibilidade de estimular a ocorrência de determinados comportamentos nele.

Por fim, é importante mencionar os eventos públicos ou manifestos, e os encobertos, privados ou internos, presentes na filosofia do Behaviorismo Radical. Segundo Martin e Pear (2009), os públicos são os comportamentos nos quais outra pessoa, além da que está emitindo o comportamento, pode visualizar e registrar. E, os encobertos se referem àqueles que não são observáveis, tais como os sentimentos e pensamentos.

4.2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E GRUPOS

A Análise do Comportamento é uma abordagem que considera cada pessoa como única (KERBAUY, 2008). Assim, o principal delineamento utilizado em pesquisas nessa perspectiva é o do sujeito único, descrito por Sampaio *et al.* (2008) como aquele em que cada organismo é o seu próprio controle, considerando os comportamentos como fenômenos do campo individual. Isso implica dizer que as análises devem ser feitas com base nos comportamentos do próprio indivíduo e no desempenho apresentado por ele mesmo (MATOS; TOMANARI, 2002).

Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012) acrescentam, sobre o delineamento do sujeito único, que há

uma visão comportamental singular da natureza humana, que não apenas compreende prescrições para a maneira como os psicólogos devem fazer pesquisa, mas também implicações para a maneira como a sociedade deveria se organizar (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012, p. 298).

Kerbauy (2008) traz também que cada pessoa possui sua própria história de vida, bem como a influência dos fatores filogenéticos e culturais nos seus comportamentos. Logo, é possível compreender a importância da ontogenia para

a Análise do Comportamento, o que conseqüentemente implicava na dificuldade de se trabalhar em grupos, havendo uma relutância sobre isso (KERBAUY, 2008).

Nesse cenário então, as variáveis envolvidas em cada contexto passaram a ser o foco das intervenções com dois ou mais indivíduos juntos. São trabalhadas as contingências que podem ajudar em dada situação, que beneficiem em determinada problemática, sem adentrar nas histórias individuais, de forma a auxiliar todas as pessoas que fazem parte do grupo (KERBAUY, 2008).

São observados também os comportamentos “mal adaptados”, os déficits e os excessos comportamentais, fazendo uso de diferentes procedimentos e técnicas para que os indivíduos possam refletir sobre suas próprias vidas (COÊLHO; BARROS, 2012).

Skinner (1974) acrescenta que

(...) a terapia do comportamento é exclusivamente uma questão de idear contingências reforçadoras, mas ela também inclui, de forma bastante apropriada dar a paciente avisos, conselhos, instruções e regras a serem seguidas (SKINNER, 1974, p.159).

Assim, quando se trata de uma terapia analítico-comportamental em contexto grupal, há sempre um modelo objetivo, claro e conciso a ser seguido (COÊLHO; BARROS, 2012), assim como a Proposta elaborada por Cynthia Borges. Porém, cabe ressaltar que tais Protocolos devem ser utilizados como elementos norteadores, visto que, tendo um olhar profissional, é necessário que se observem as variáveis presentes e a população em questão, a fim de que sejam alcançados melhores resultados.

5 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL SOB O ENFOQUE DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E OUTRAS ABORDAGENS

É possível afirmar que algumas das principais abordagens existentes dentro da Orientação Profissional, como Psicodinâmica e Decisional, possuem pressupostos que serviram de base para a construção do modelo Analítico Comportamental, que leva em consideração o autoconhecimento e o conhecimento das profissões, além de entender a escolha como um processo (MOURA, 2004).

Quanto as diferenças entre elas, Azrin, Flores e Kaplan (1975) e Azrin e Besalel (1980), afirmam que o modelo comportamental possui estratégias que são primordialmente voltadas para o resultado, além de ter a aprendizagem como foco do processo interventivo, não considerando a “vocação” como algo inato. Além disso se volta para o treinamento adequado para que as habilidades necessárias para cada atividade laboral sejam alcançadas, e faz uso de reforço para que haja o fortalecimento dos comportamentos tanto de autodescoberta como de busca por informa es (AZRIN; FLORES; KAPLAN, 1975; AZRIN; BESALEL, 1980 *apud* MOURA, 2004).

Moura e Silveira (2002) acrescentam que, durante a interven o sob a perspectiva Analítico Comportamental, deve-se fazer o arranjo de contingências para que os participantes possam perceber as variáveis que exercem controle sobre suas decisões, proporcionando ainda o conhecimento sobre as profissões nas quais tenham interesse, fazendo rela o com as características observadas nas atividades de autoconhecimento, além de aumentar a possibilidade de ocorrência de comportamentos que envolvam tomada de decisão e escolha.

Skinner considera o comportamento de fazer escolhas como o processo de manipular variáveis. Então, ensinar um indivíduo a fazer escolhas   o mesmo que auxiliá-lo na identifica o e análise de todas as variáveis presentes no contexto (SKINNER, 2003).

Na Orienta o Profissional, busca-se orientar os adolescentes na tomada de decisão proporcionando um maior conhecimento acerca das op es profissionais, apresentando-lhes informa es importantes sobre cada uma das profissões de interesse, fornecendo subsídios para que consigam chegar a uma

escolha final, entendendo todas as variáveis existentes e as consequências de cada uma delas (MOURA, 2004).

5.1 A PROPOSTA DE CYNTHIA BORGES DE MOURA

A proposta de um programa de Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento foi criada por Cynthia Borges de Moura, durante o seu mestrado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, concluído no ano de 2000 (MOURA, 2004).

Cynthia considerou a situação da escolha profissional sob a possível influência de três variáveis, sendo elas: pessoais (referentes às expectativas familiares, meio social, história de vida, etc), profissionais (conhecimento sobre os cursos, mercado de trabalho, atividades desempenhadas, etc), e variáveis da tomada de decisão (intrinsecamente relacionada ao histórico de aprendizagem em tomada de decisões, custo para a resposta, critérios de inclusão e exclusão, etc) (MOURA, 2004).

Assim, o programa-modelo é estruturado em 10 sessões, e conta com atividades que envolvem bastante leitura, escrita, pesquisa e até mesmo entrevista com profissionais, além de inúmeras reflexões sobre o processo de escolha, tendo como objetivos gerais:

1. Analisar junto aos adolescentes as variáveis controladoras (pessoais, familiares, sociais, contextuais) implicadas na escolha da carreira profissional; 2. Levar o adolescente a observar e discriminar as relações existentes entre escolha profissional e história de vida e, como a escolha de uma profissão está diretamente ligada às escolhas que aprendemos a fazer ao longo da vida; 3. Desenvolver habilidades necessárias para a escolha, a partir do fortalecimento das respostas que compõem o comportamento de tomada de decisão (MOURA, 2004, p.57, 58).

Para isso, o Protocolo foi estruturado em três etapas. A primeira objetivando o autoconhecimento, a segunda o conhecimento da realidade das profissões, e a terceira o apoio a tomada de decisão. Na primeira e segunda etapa o indivíduo deve ampliar seu olhar acerca de características que são relevantes para a escolha profissional, bem como para características de cada profissão, a fim de que possa haver uma ampliação das opções a serem consideradas para escolha. Na sequência, a terceira etapa promoverá situações para que haja a restrição e exclusão de opções, observando critérios de escolha e permitindo então a tomada de decisão consciente (MOURA, 2000).

6 METODOLOGIA

6.1 DESENHO DO ESTUDO

A pesquisa é aplicada, descrita por Gerhardt e Silveira (2009) como aquela que busca soluções para problemas específicos, gerando conhecimentos para aplicação prática.

Quanto à natureza, pode ser classificada como quantitativa e qualitativa, pois houve a representação numérica dos dados coletados para classificação dos mesmos e, também, a atribuição de significados aos fenômenos. O principal meio para se obter informações é o ambiente, e geralmente há o uso do método indutivo, assim como executado neste estudo (SILVA; MENEZES, 2001).

Seu objetivo metodológico é descritivo, pois seu principal objetivo foi a descrição de aspectos de dado fenômeno e população, buscando identificar a relação entre as variáveis presentes no estudo (GIL, 2008).

Foi utilizado o procedimento de levantamento de campo e ex-post-facto, no qual houve um contato direto com indivíduos relacionados ao fenômeno estudado, para a obtenção de dados e relatos de experiências, e, posterior análise das informações presentes no discurso apresentado por cada um dos participantes.

É importante enfatizar que se tratando de ex-post-facto, “a principal característica deste tipo de pesquisa é o fato de os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos” (FONSECA, 2002, p. 32), assim, cada participante precisou recordar suas vivências enquanto condutores dos grupos de Orientação Profissional, replicando o Protocolo de Cynthia Borges.

6.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no período de 28/02/2019 à 28/03/2019, nas dependências do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), localizado na Avenida Joaquim Teotônio Segurado, 1501 - Plano Diretor Sul, Palmas - TO, 77000-900, após a assinatura da Declaração de Instituição Coparticipante (APÊNDICE A) pelo responsável. E, em decorrência da pouca disponibilidade de horários de alguns egressos, a pesquisadora acadêmica se deslocou para encontrá-los, respeitando todos os princípios éticos.

6.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O presente estudo teve como universo total todos os 36 acadêmicos e egressos do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA) que já conduziram grupos do projeto de extensão “Orientação Profissional”, replicando o Protocolo proposto por Cynthia Borges de Moura.

O convite para participação da pesquisa foi realizado para todos os 36 indivíduos, mas a amostra foi composta apenas por 20 pessoas, de ambos os sexos e diferentes idades que se voluntariariam a participar do estudo.

O contato com os participantes foi realizado por telefone celular pessoal, por meio de mensagens de texto, e a participação foi confirmada mediante interesse de participação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B).

6.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO E VARIÁVEIS

A pesquisa teve como critério de inclusão os indivíduos que conduziram grupos do projeto de extensão “Orientação Profissional” replicando o Protocolo proposto por Cynthia Borges durante a graduação no curso de Psicologia do CEULP/ULBRA; e quanto ao de exclusão: indivíduos que não tivessem disponibilidade de horário para participar das entrevistas.

No que se refere às variáveis, tem-se que a independente são as tarefas propostas para promoção de maturidade no processo de escolha de uma profissão e, como dependente o comportamento de adesão dos adolescentes às atividades que são propostas.

6.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas para a realização da pesquisa, os indivíduos foram convidados a participar do estudo.

O convite foi realizado com a apresentação dos objetivos da pesquisa, riscos e benefícios da mesma, e, conforme interesse, foi marcado um encontro para a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), do Consentimento da participação da pessoa como voluntário(a) da pesquisa (APÊNDICE D), bem como para a realização da entrevista semiestruturada. Foi realizado apenas um encontro com cada participante, de forma individual e com duração aproximadamente uma hora para cada um, de

acordo com a disponibilidade de tempo da acadêmica pesquisadora e dos voluntários.

Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevistas semiestruturado (APÊNDICE C), construído de forma livre pela pesquisadora, com perguntas referentes à experiência dos condutores dos grupos de Orientação Profissional, na replicação do Protocolo proposto por Cynthia Borges.

Os resultados obtidos por meio do questionário passaram pela análise de conteúdo, definida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Caregnato e Mutti (2006) acrescentam que, diferentemente da Análise do Discurso em que a interpretação dos dados é feita somente de forma qualitativa (considerando a presença ou não de determinada característica ou grupo de características numa mensagem), na Análise de Conteúdo os dados também podem ser interpretados de forma quantitativa (na qual é estabelecida a frequência com que determinadas características aparecem no conteúdo dos textos).

Na Análise de Conteúdo cabe ao pesquisador estruturar categorias para palavras ou frases que são apresentadas com frequências nas mensagens (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Bardin (2011) explica esse tipo de análise como um procedimento composto por três fases: primeiramente faz-se a pré-análise dos dados, ou seja, a leitura dos resultados obtidos e determinação do que será analisado. Neste estudo, essa etapa foi realizada utilizando as repostas obtidas com a entrevista semiestruturada, aplicada aos participantes da pesquisa.

Na sequência, há a exploração do material, na qual os dados são classificados em categorias (BARDIN, 2011). Assim, foram definidas como categorias: duração do programa, participação de adolescentes pouco letrados nos grupos de Orientação Profissional, possíveis dificuldades dos adolescentes para realização das atividades propostas, engajamento e colaboração dos adolescentes nos grupos, comportamentos e características próprios da

adolescência, influências no processo de escolha, número de atividades de leitura e escrita, possíveis dificuldades por parte dos condutores na replicação do Protocolo, adaptações durante a replicação, modificação dos anexos, e experiência como condutores dos grupos replicando o Protocolo de Cynthia.

Por fim, na última fase, há o tratamento dos resultados, por meio da análise do discurso, proposta por Bardin (2011), quando são verificadas as frequências de determinadas características nas respostas e, para embasar as temáticas presentes em cada uma delas, foram utilizados conteúdos apresentados no referencial teórico.

É importante ressaltar que o método de análise proposto por Bardin está de acordo com o descrito por Borloti (2012) no que se refere a Análise Comportamental do Discurso (ACD), sendo esta embasada nos pressupostos do Behaviorismo Radical, proposto por Skinner.

A ACD é uma forma de análise de discurso que se difere por fazer a interpretação da função de um conjunto de comportamentos verbais, ou seja, do discurso (BORLOTI, 2012).

Skinner (1957) acrescenta que

o comportamento verbal é modelado e mantido por um ambiente verbal - por pessoas que respondem ao comportamento de certo modo por causa das práticas do grupo do qual são parte (SKINNER, 1957, p. 226).

Nessa perspectiva o comportamento verbal pode ser entendido como a ação do falante, no qual este falante está em interação com seu ouvinte, seja por meio da fala, escrita e/ou gestos a partir do controle que possuem dos estímulos e das consequências advindas por esse ouvinte, acontecendo então a interação e os episódios verbais (BORLOTI *et al.*, 2008).

Já o termo “discurso” pode ser descrito como um conjunto de comportamentos verbais, apresentando diferentes propriedades como, por exemplo, intensidade e encadeamento (BORLOTI *et al.*, 2008).

Em suma, na ACD também há a seleção dos segmentos verbais que são de interesse, separando-os em categorias, identificando as relações funcionais e analisando as variáveis ambientais presentes que podem influenciar e/ou controlar o discurso apresentado (XAVIER, *et al.* 2017).

É importante enfatizar também que há garantia de anonimato dos participantes e do sigilo ético, conforme legislação vigente e, ao final da pesquisa haverá um encontro com cada participante para devolutiva acerca dos resultados finais deste estudo.

6.6 ASPECTOS ÉTICOS

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), por se tratar de um estudo que envolve seres humanos. Assim, mediante a assinatura da Pesquisadora Responsável (APÊNDICE E) foi realizado o cadastro na Plataforma Brasil, respeitando os aspectos éticos da pesquisa, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Após a aprovação pelo CEP a pesquisa teve início. Os participantes foram convidados a participar de forma voluntária do estudo e, mediante interesse, assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que foi lido com cada um, de forma individual, para que estivessem cientes dos objetivos, riscos e benefícios, esclarecendo suas dúvidas.

Foi assegurado também o direito de recusa e desistência dos participantes em qualquer momento da entrevista, sem que houvessem prejuízos, e, o sigilo foi e continuará sendo mantido, bem como o caráter anônimo dos pesquisados, conforme Resolução 466/12.

No que se refere aos riscos, era possível que, ao relembrar situações vivenciadas durante a replicação do Protocolo de Orientação Profissional, os participantes se sentissem tristes ou desconfortáveis, diante da possibilidade de terem vivenciado dificuldades na condução dos grupos, não alcançando o objetivo das atividades propostas.

Na presença de algum desconforto, o participante poderia interromper a entrevista, e caso fosse necessário, a pesquisadora o encaminharia para o Serviço Escola de Psicologia (SEPSI) do Ceulp/Ulbra.

E no que se refere aos benefícios, os participantes da pesquisa fazem parte da classe profissional de psicólogos e/ou estudantes de Psicologia, e os benefícios também foram diretamente para estes profissionais e futuros profissionais, visto que os resultados proporcionaram a atualização da Proposta

de Cynthia Borges, que poderá ser utilizada por eles quando houver a necessidade de um Protocolo adaptado para adolescentes pouco letrados.

De forma indireta, outros adolescentes pouco letrados que vierem a participar do grupo de Orientação Profissional também serão beneficiados, pois as atividades estarão mais voltadas para as suas respectivas realidades, permitindo um amadurecimento de escolha profissional de forma mais eficiente.

Cabe ressaltar que ao final da pesquisa, a pesquisadora acadêmica se compromete a fazer uma devolutiva com cada um dos participantes a fim de apresentar os resultados obtidos com o presente estudo.

6.7 DESFECHOS

Como desfecho primário, foi possível a identificação das principais dificuldades e facilidades encontradas pelos condutores dos grupos de Orientação Profissional replicando o Protocolo proposto por Cynthia Borges.

Após identificação das dificuldades e facilidades, foi possível realizar a atualização do programa-modelo de grupo de Orientação Profissional sob a perspectiva da Análise do Comportamento, o que pode ser identificado como o desfecho secundário.

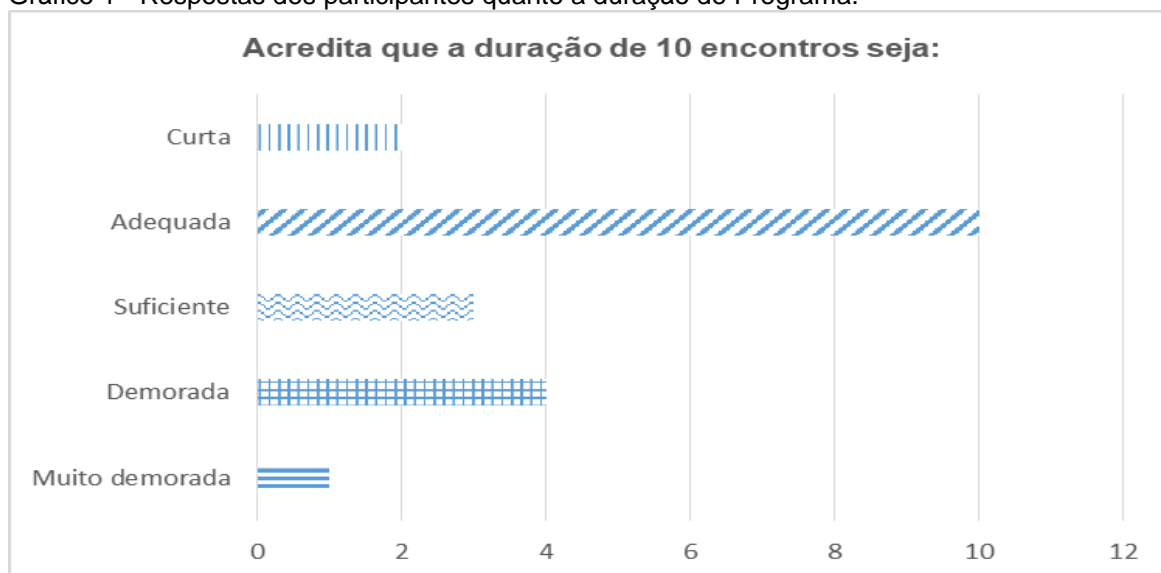
7 RESULTADOS

A amostra foi composta por 20 participantes, sendo 10 acadêmicos e 10 egressos do curso de Psicologia do Ceulp/UIbra, que foram entrevistados no período de 28/02/2019 à 28/03/2019.

A entrevista semiestruturada contou com questões voltadas para as temáticas da adolescência e para as experiências dos participantes conduzindo grupos de Orientação Profissional, por meio da replicação do Protocolo proposto por Cynthia Borges de Moura.

No que se refere à duração total de execução do programa, sendo esta de 10 semanas, os participantes da pesquisa acreditam, de acordo com o gráfico 1 que seja:

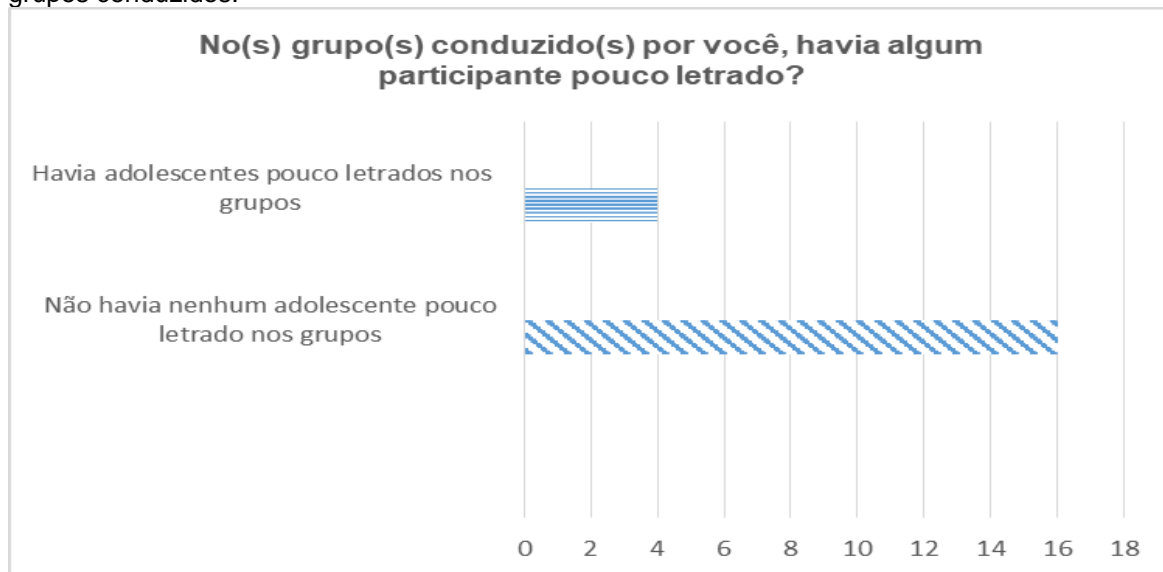
Gráfico 1 - Respostas dos participantes quanto a duração do Programa.



Logo, pode-se afirmar que metade (dez) dos voluntários da pesquisa acredita que a duração do Protocolo seja adequada.

Quanto à participação de adolescentes pouco letrados nos grupos de Orientação Profissional, os condutores afirmaram, de acordo com o gráfico 2, que:

Gráfico 2 - Respostas dos participantes quanto a participação de adolescentes pouco letrados nos grupos conduzidos.

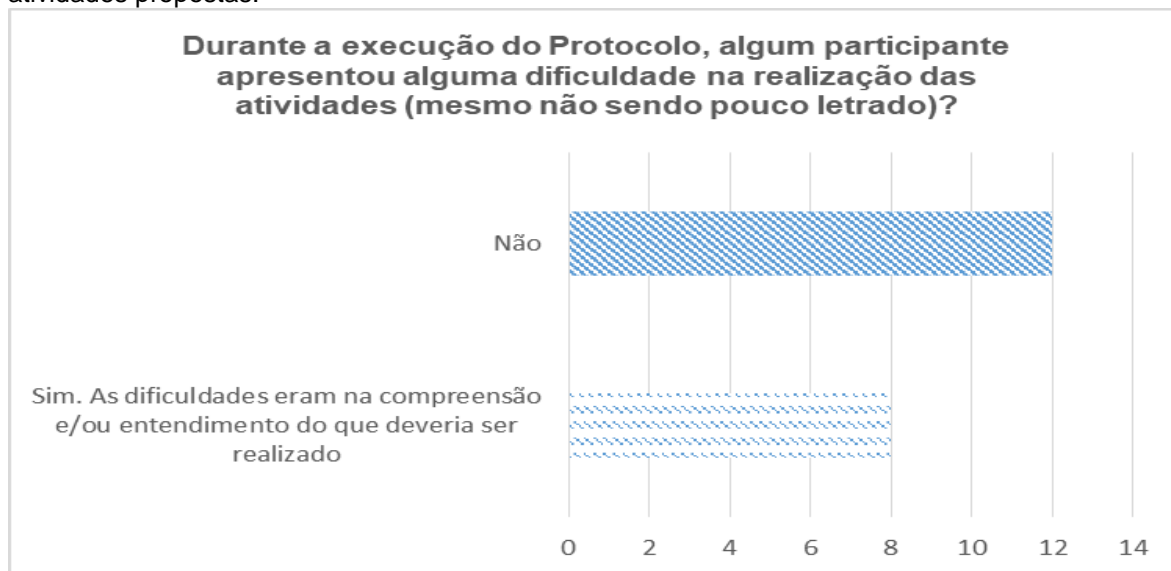


Entre os dezesseis participantes que responderam “não”, dois ressaltaram a presença de um adolescente com diagnóstico de TDAH. “Ele era além, era muito inteligente, fazia perguntas bem reflexivas, bem filosóficas, questionava bastante” (SIC), e, para auxiliá-lo, as dúvidas eram sanadas pelas condutoras do grupo. Já no que se refere à presença de adolescentes pouco letrados, três participantes verbalizaram que foram realizadas adaptações nas atividades, além do acompanhamento de forma individual a esses adolescentes.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a maioria dos condutores não teve experiência com pessoas pouco letradas, e que, os que tiveram essa oportunidade conseguiram desenvolver estratégias para tornar o Programa mais acessível para esses adolescentes, auxiliando-os de diferentes maneiras.

Quanto à possível dificuldade por parte dos adolescentes (mesmo não sendo pouco letrados) na realização das tarefas, obteve-se, de acordo com o gráfico 3, que:

Gráfico 3 - Respostas dos participantes quanto a adolescentes com dificuldade na realização das atividades propostas.

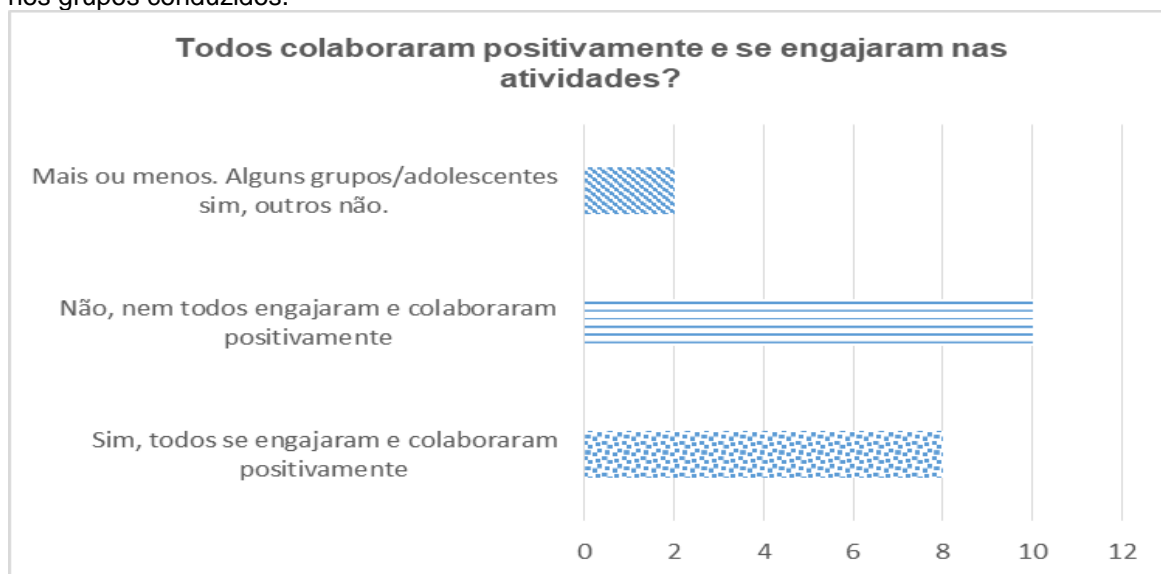


Entre os doze participantes que responderam “não”, um mencionou a reclamação dos adolescentes por serem muitas atividades de escrita, dois mencionaram certo desinteresse dos meninos para a realização das tarefas e um relatou que as perguntas feitas pelos adolescentes eram voltadas mais para o esclarecimento de dúvidas simples.

Pode-se afirmar também que o número de adolescentes sem dificuldades para realização das tarefas foi superior ao número daqueles que tiveram algum tipo de dificuldade na compreensão e execução das atividades.

No que diz respeito ao engajamento e à postura colaborativa dos adolescentes nos grupos, os participantes da pesquisa relataram, segundo o gráfico 4, que:

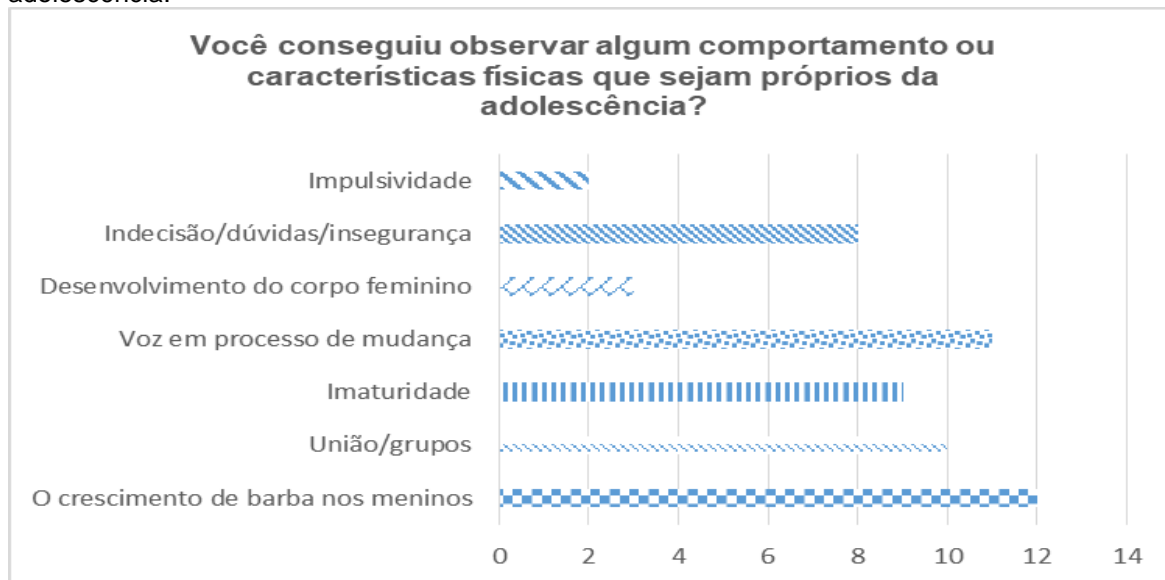
Gráfico 4 - Respostas dos participantes quanto ao engajamento e colaboração dos adolescentes nos grupos conduzidos.



Logo, pode-se afirmar que houve um número significativo de grupos em que não houve total engajamento e colaboração positiva por parte dos adolescentes. Três fatores que podem justificar a não adesão foram levantados pelos participantes da pesquisa: horário de acontecimento das sessões (após um dia inteiro de aula) e certa resistência e imaturidade para compreender o processo de Orientação.

No que diz respeito aos comportamentos e/ou características físicas próprias da adolescência que foram observados durante a condução dos grupos, os participantes deste estudo responderam, segundo o gráfico 5, que visualizaram:

Gráfico 5 - Respostas dos participantes quanto aos comportamentos e características próprios da adolescência.

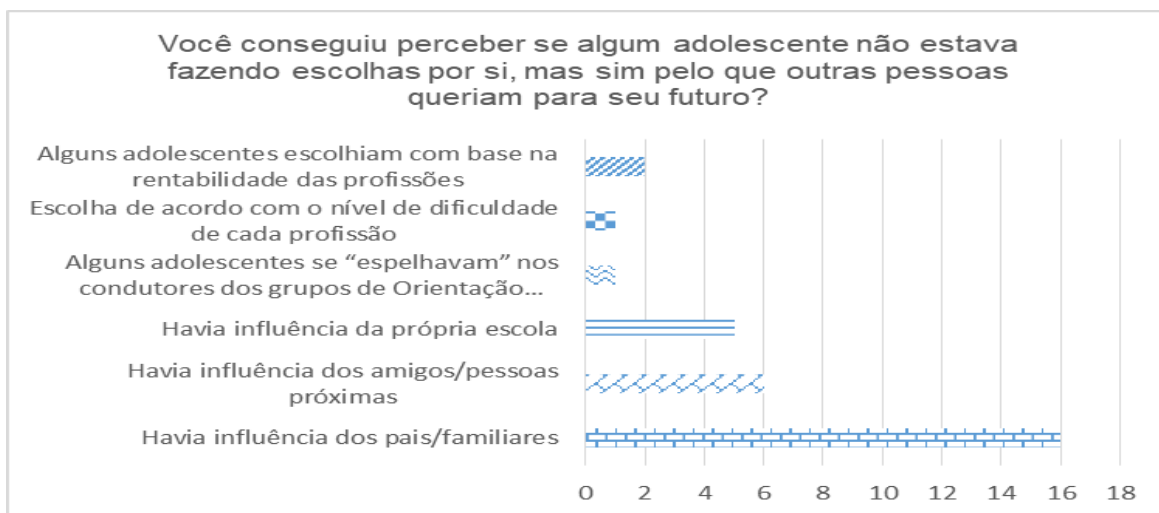


Foram observadas ainda a presença de acnes nos adolescentes, vestimentas próprias da idade, a forma de assentar-se, os adereços utilizados por cada um, problemas familiares, falas agressivas, comportamentos de inquietude, confusão, passividade, angústia, desatenção, vaidade, além do estabelecimento de relacionamentos dos indivíduos com pessoas do sexo oposto.

Outro participante da pesquisa também verbalizou a existência de adolescentes que desde muito cedo estavam inseridos no mercado de trabalho informal, para auxiliar financeiramente em casa, e três participantes mencionaram a paternidade/maternidade presente nos grupos conduzidos.

No que se refere ao comportamento dos adolescentes de fazer escolhas e as possíveis influências nesse processo, os participantes da pesquisa responderam, de acordo com o gráfico 6, que:

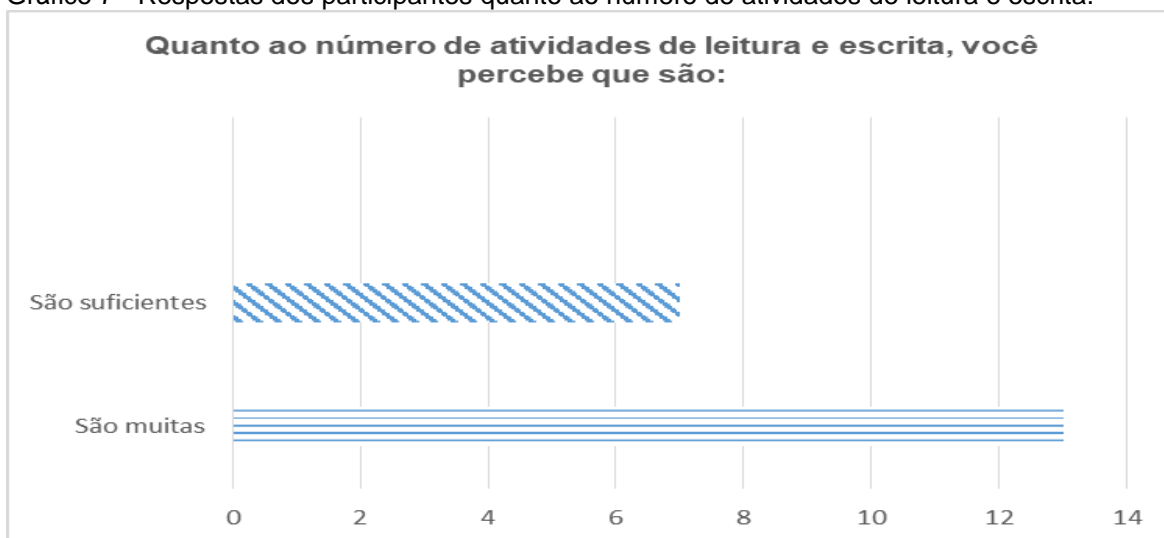
Gráfico 6 - Respostas dos participantes quanto a influência no processo de escolha.



Além das respostas mencionadas, foi presente também o relato de que muitos adolescentes optavam por profissões mesmo sem ter informações sobre o que de fato aquele profissional exercia no seu dia a dia.

Já no que se refere ao número de atividades de leitura e escrita, os participantes da pesquisa percebem, segundo o gráfico 7, que:

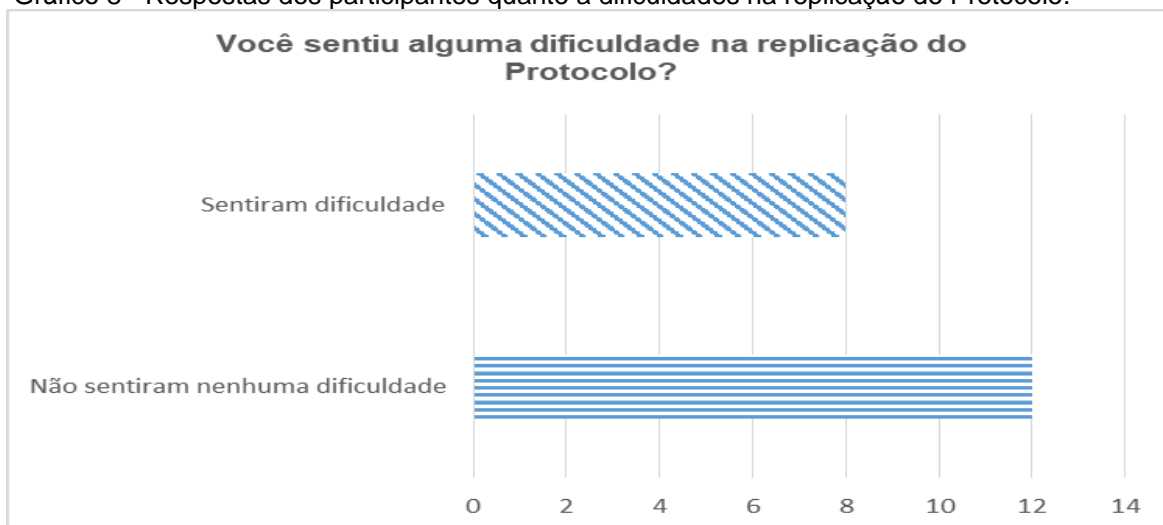
Gráfico 7 - Respostas dos participantes quanto ao número de atividades de leitura e escrita.



Logo, pode-se afirmar que mais da metade (doze) dos participantes do estudo concordam que são propostas muitas atividades de leitura e escrita no Programa.

Quanto à possível dificuldade na replicação do Protocolo, tem-se os seguintes resultados, conforme o gráfico 8:

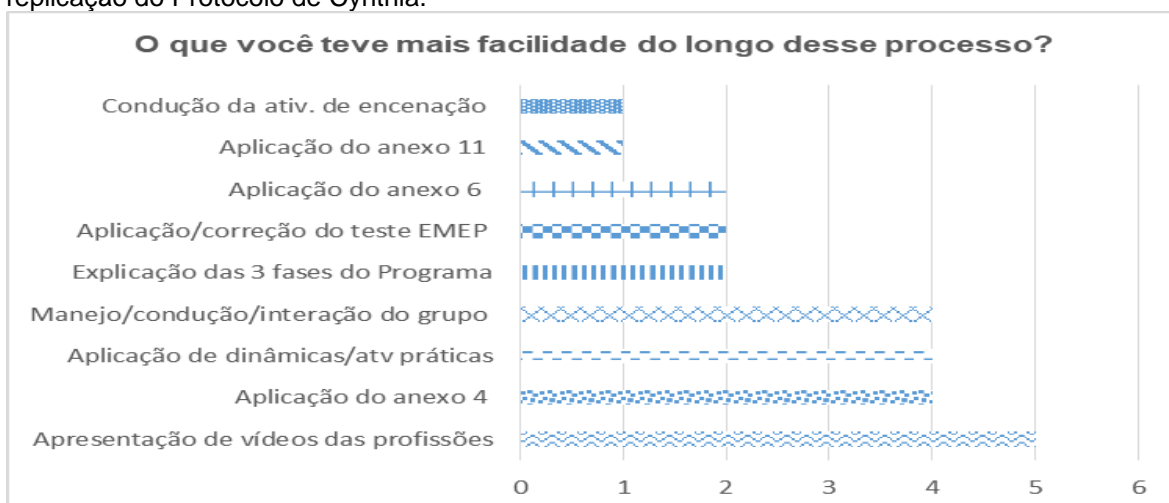
Gráfico 8 - Respostas dos participantes quanto a dificuldades na replicação do Protocolo.



Então, pode-se afirmar que mais da metade dos condutores (doze) não sentiu dificuldade durante a replicação do Protocolo. As oito pessoas que verbalizaram sentir dificuldade esclareceram que estas foram em decorrência da falta de clareza nas instruções e/ou referencial teórico, e, entre eles, um participante mencionou também a dificuldade com a quantidade de anexos a serem aplicados, e a falta de conexão entre o referencial teórico no Protocolo e a realidade dos grupos.

Quanto às atividades que os participantes da pesquisa tiveram maior facilidade para executar, os dados obtidos, segundo o gráfico 9, foram:

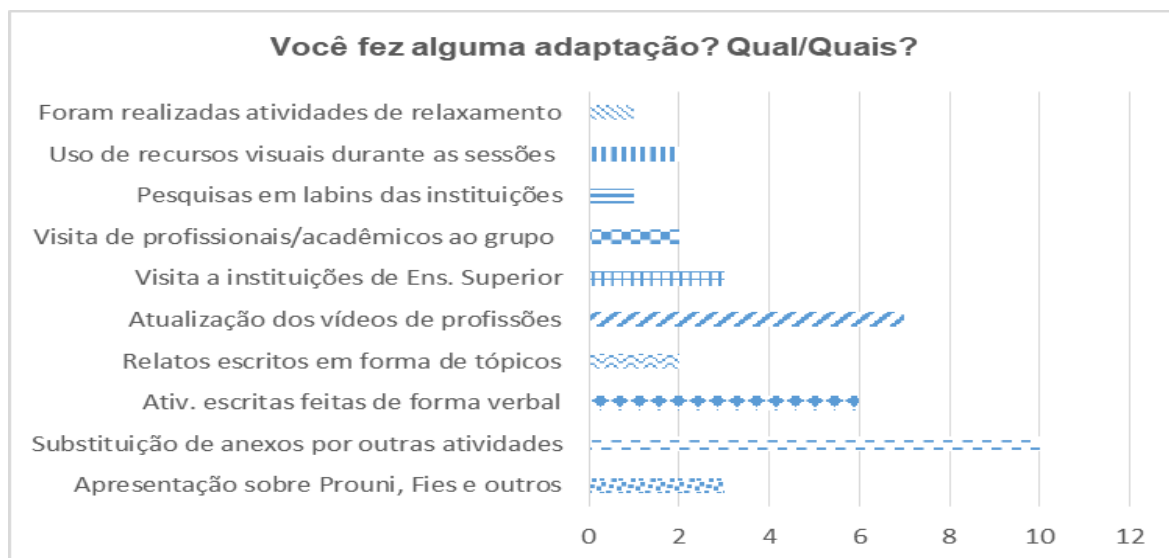
Gráfico 9 - Respostas dos participantes quanto ao que tiveram maior facilidade durante a replicação do Protocolo de Cynthia.



Assim, pode-se depreender que a apresentação dos vídeos para os adolescentes foi a atividade na qual houve maior facilidade por parte dos condutores dos grupos.

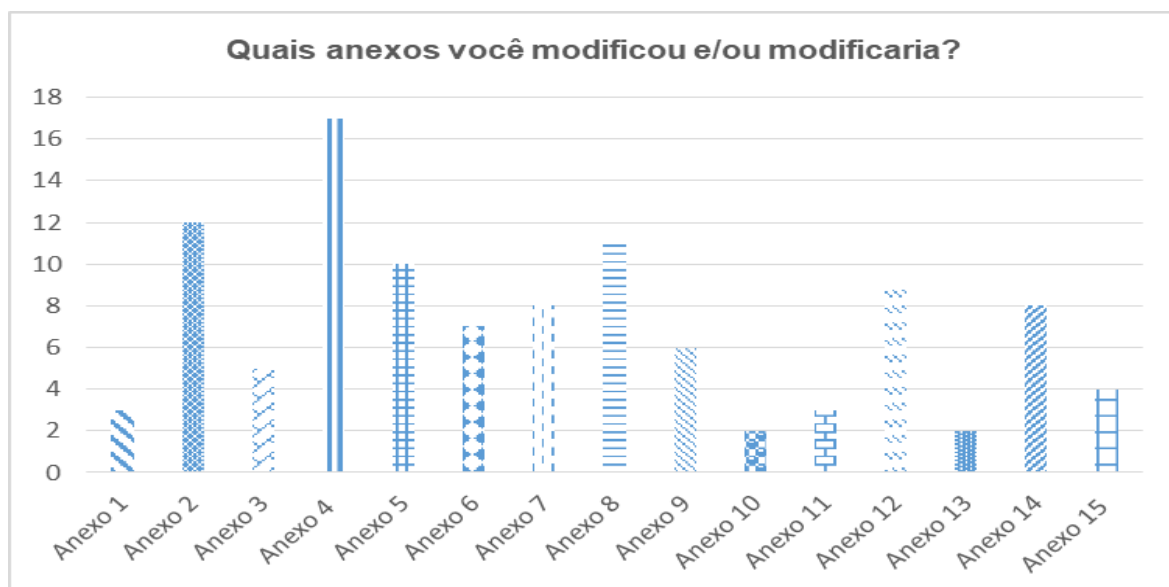
Quanto à replicação do Programa, 100% dos participantes da pesquisa relataram que fizeram adaptações às atividades, e quando questionados sobre as modificações realizadas as respostas foram:

Gráfico 10 - Respostas dos participantes quanto as adaptações durante a replicação.



Quanto ao uso dos anexos do Programa, utilizados durante a replicação, os participantes relatam que mudaram e/ou mudariam:

Gráfico 11 - Respostas dos participantes quanto a modificação dos anexos.



Entre as sugestões apresentadas pelos participantes para o anexo 1, há o uso de desenhos para ilustrar as opções de profissões que os adolescentes estão considerando, a retirada do anexo impresso e a realização da tarefa de forma verbal, sem escrita, e, a reestruturação do conteúdo, de forma que fique mais aberto e o adolescente possa relatar questões mais voltadas para sua infância:

profissão que era desejada, brincadeiras que mais gostavam, entre outros, para que os gostos e habilidades dessa época se tornem mais evidentes e possam auxiliar o indivíduo a refletir sobre seus sonhos.

Quanto ao anexo 2, os participantes mencionaram que o relato escrito poderia ser realizado em forma de desenho ou discussão verbal, sem a obrigatoriedade da escrita de um texto. Outro participante sugeriu também a gravação de vídeos desses adolescentes, de forma que caberia aos condutores assistir posteriormente, anotar suas impressões e levar para discussão grupal.

No que se refere ao anexo 3, as sugestões foram a troca do anexo (em papel) por uma dinâmica ou discussão verbal, a apresentação do conteúdo por meio de recursos visuais (slides) e, a reestruturação do fluxograma, para que chame mais atenção, se torne mais atraente e tenha os termos técnicos das profissões.

Ao abordarem sobre o anexo 4, os participantes mencionaram a necessidade de otimização da atividade, bem como da disposição de um tempo maior para a realização da mesma. Entre as sugestões, há a junção das 74 habilidades em frases, situações e exemplos, além do recorte e colagem desses itens, sem a escrita de cada um deles de forma individual. Sugeriram também a mudança na nomenclatura “gosto e faço, gosto e não faço, não gosto e faço, não gosto e não faço” e mudança na escrita de algumas habilidades/palavras, em decorrência da dificuldade de interpretação (por parte dos adolescentes) de algumas delas (como por exemplo, “auxiliar pessoas” e “trabalhar com coisas mais concretas”).

Ainda no que diz respeito ao anexo 4, houve a sugestão da retirada do momento de colagem nos cartazes, de forma grupal. Assim, primeiro os adolescentes montariam seu próprio curtograma em uma folha individual, para em seguida, discutir verbalmente com os colegas do grupo.

Quanto ao anexo 5, de forma unânime, os participantes sugeriram a troca da imagem por outra mais elaborada, e o uso de dinâmicas que possam cumprir o objetivo da atividade proposta.

No anexo 6, as sugestões foram quanto ao layout do fluxograma, para que sua compreensão se torne mais fácil. Além disso, mencionaram a necessidade de atualização, acrescentando profissões mais recentes do mercado atual.

No que diz respeito ao anexo 7, os participantes verbalizaram a necessidade de atualização do conteúdo, bem como a sugestão de pesquisas mais direcionadas para as realidades locais. Além disso, abordaram a opção de levar os adolescentes para os labins das escolas, a fim de realizar pesquisas sobre as profissões e, também, relataram a possibilidade de apresentação de listas de vocabulários de cada profissão, a fim de que os adolescentes possam começar o processo de familiarização com os termos técnicos da ocupação escolhida.

Quanto ao anexo 8, as sugestões foram voltadas para a não obrigatoriedade das entrevistas, bem como para mudanças no conteúdo das perguntas, de forma que estas se tornem mais direcionadas para a prática dos profissionais. É importante mencionar que após a realização das entrevistas, é proposto, de acordo com o Protocolo, a dramatização das respostas e, diante de experiências que não foram bem-sucedidas por alguns participantes, houve a proposta de substituir essa tarefa por uma visita a uma universidade, para conhecimento da estrutura local e dos cursos oferecidos.

No que se refere ao anexo 9, os participantes sugeriram a mudança da imagem, além da apresentação do conteúdo por meio de recursos visuais (slides).

Quanto ao anexo 10, as sugestões foram quanto a forma de execução da tarefa, na qual mencionaram que o conteúdo poderia ser trabalhado por meio de discussão verbal grupal.

Entre as sugestões apresentadas para o anexo 11, há a mudança no layout da estrutura, bem como na instrução de enumerar os valores de acordo com o grau de importância, visto que durante suas experiências, perceberam que alguns adolescentes não compreendiam bem o que estava sendo solicitado.

No que diz respeito ao anexo 12, os participantes sugeriram que o relato escrito seja feito em forma de tópicos ou, substituído por discussão verbal em grupo. E, assim como no anexo 2, um participante sugeriu que fossem realizadas gravações de vídeos, para posterior análise dos condutores que, levariam suas impressões para o grupo também.

Quanto ao anexo 13, verbalizaram que o conteúdo poderia ser trabalhado de forma verbal e mais dinâmica.

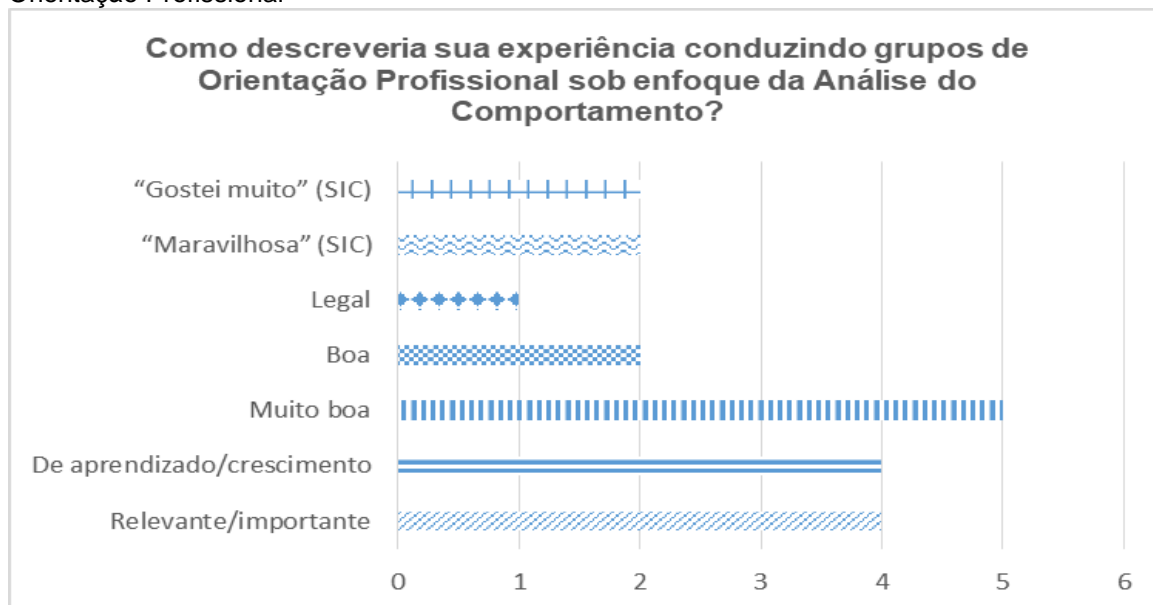
E, ao abordarem sobre os anexos 14 e 15, sugeriram que os dois fossem unidos em um só, com menos questões discursivas, mais resumido. Além disso, mencionaram a possibilidade de retirada do anexo 15, deixando apenas o 14, fazendo, ao final de cada encontro, um feedback verbal sobre a sessão. Ou ainda, que fossem elaborados um questionário para o grupo e outro para cada participante.

No que se refere a outras adaptações no Programa, mencionaram que seria interessante utilizar outro espaço que não a sala de aula para a realização dos grupos, o acréscimo de dinâmicas quebra gelo no início de cada sessão, outras no decorrer dos encontros, além da aplicação de testes para verificar o repertório de habilidades sociais, personalidade, estresse e avaliação de QI (quoeficiente de inteligência) dos adolescentes.

Também enfatizaram que a técnica do objeto representativo, utilizada na primeira sessão, poderia ser trocada por outra mais interativa, e um dos participantes relatou que além de panfletos informativos sobre os cursos de graduação (no quarto encontro), levou figuras de pessoas famosas que são conhecidas por exercerem profissões que não exigem curso técnico e/ou superior, apesar de terem um diploma de uma formação que não exercem. Ressaltaram ainda que os recursos audiovisuais poderiam ser mais explorados.

E, de forma geral, quando solicitado aos participantes que descrevessem a experiência de conduzir grupo(s) de Orientação Profissional sob enfoque da Análise do Comportamento, replicando o Protocolo de Cynthia Borges de Moura, relataram, segundo o gráfico 12, que:

Gráfico 12 - Respostas dos participantes quanto a experiência como condutores de grupos de Orientação Profissional



Um dos participantes afirmou "É uma temática bem pertinente, e acho muito relevante ser trabalhado isso nas escolas, porque é muito importante debater com adolescentes esse tema e faltam espaços abertos para isso, para discussões e aprimoramento de ideias, das escolhas, pois quando isso é abordado com eles, geralmente é em forma de cobrança, de imposição, e nunca é oferecido um espaço para debater, pensar, tomar atitudes mais assertivas em relação a isso" (SIC).

Outro participante relatou "(...) é uma oportunidade de dar autonomia a esses adolescentes, para que mudem suas realidades, principalmente aqueles que estão em condições de maior vulnerabilidade social, a diferença de classes nos grupos é gritante (...)" (SIC).

Outro acrescentou que "(..) percebi que houve mudança ao longo do processo nos participantes também, que melhoraram no trabalho em equipe, se tornaram mais solícitos, e, os relatos finais foram os de que o Projeto deixou as coisas mais claras" (SIC).

Além disso, dez participantes mencionaram que o Protocolo de Cynthia Borges serviu como um bom suporte, mas precisa passar por algumas alterações em suas atividades.

8 DISCUSSÃO

Por meio da análise dos relatos de experiência e dados levantados com a aplicação da entrevista, foi possível identificar algumas temáticas importantes.

Foram mencionadas características biológicas e físicas (crescimento da barba, voz em processo de mudança, corpo das meninas em crescimento e presença de acnes) observadas nos adolescentes que faziam parte dos grupos de Orientação Profissional, e estas vão ao encontro com o que Papalia e Feldman (2013) e Palácios (2004) trazem em seus estudos, quando abordam as transformações biológicas e corporais que ocorrem nesse período da vida.

Quanto à presença de “panelinhas” e grupos, também verbalizadas, Bee (1997) explica que, na busca pela identidade, os adolescentes tendem a formar grupos para que possam se sentir mais seguros durante essa fase.

Erikson (1980) *apud* Bee acrescenta que os adolescentes podem precisar de um tempo maior para o amadurecimento psicológico, em decorrência da confusão de papéis vivenciada durante esse período, o que pode explicar a imaturidade mencionada pelos participantes da pesquisa.

No que se refere aos problemas familiares, também verbalizado por participantes da pesquisa, Denissen, Van Aken e Dubas (2013) explicam que as inúmeras transformações vivenciadas pelos adolescentes também afetam os genitores desses indivíduos, visto que a forma como eles se relacionam também sofre modificações. Assim, diante da necessidade de adaptações a nova realidade, podem acontecer divergências no relacionamento entre os pais e os adolescentes.

Quanto ao relato de relacionamento dos adolescentes com outros do sexo oposto, Justo (2005) aborda que são bem presentes durante essa fase da vida. E quanto à maternidade e à paternidade presentes durante a adolescência, Silva, Silva e Alves (2004) explicam que os adolescentes estão começando a ter vida sexual ativa cada vez mais cedo, o que demonstra a importância de conscientizar esses indivíduos sobre o uso de contraceptivos e preservativos, para evitar gravidez indesejada e aquisição de doenças sexualmente transmissíveis.

Oliveira e Robazzi (2001) trazem em seus estudos algumas hipóteses para justificar a inserção dos adolescentes, desde muito cedo, no mercado de trabalho, entre elas, há a de que os indivíduos possuem a necessidade de auxiliar

financeiramente em casa, o que de fato era a realidade dos adolescentes presentes nos grupos conduzidos, segundo um dos voluntários desta pesquisa.

De forma geral, os estereótipos e características comportamentais observados pelos condutores nos adolescentes também podem ser confirmados por Aberastury (1981), quando o autor menciona a transição, corporal e psicológica, vivenciada pelos adolescentes que precisam aderir a uma nova identidade, passando por um momento de muita turbulência e transformações.

Quanto ao comportamento de fazer escolhas, Skinner (2003) traz que este é um processo de manipulação de variáveis, o trabalho de Cynthia traz três variáveis importantes: pessoais, profissionais e de tomadas de decisão. Dentro das variáveis pessoais há a influência dos familiares, e Almeida e Pinho (2008) acrescentam que é comum que na adolescência os indivíduos sejam influenciados principalmente pelos seus pais, o que é confirmado com os resultados obtidos.

Foi possível verificar também, na fala de um dos participantes, a autonomia e o empoderamento que o processo de Orientação Profissional pode promover aos adolescentes, o que vai ao encontro com os estudos de Aguiar e Conceição (2013), quando estes afirmam que, independentemente da renda financeira e condição social, os indivíduos que passam pelo processo de Orientação tornam-se mais responsáveis por suas escolhas, e devem buscar a transformação de suas realidades, sendo protagonistas de suas próprias histórias.

Papalia e Feldman (2013) apontam em seus estudos que o nível socioeconômico é uma importante influência no desempenho escolar, afirmando que as condições financeiras podem afetar no processo de aprendizagem do indivíduo, o que pode justificar as dificuldades encontradas por alguns adolescentes nas quais a desigualdade foi considerada como “gritante” (assim como verbalizado por um voluntário deste estudo).

É importante enfatizar que o processo de adaptação das atividades e modificação dos anexos realizados pelos condutores dos grupos, a fim de deixá-los mais acessíveis aos adolescentes pouco letrados e/ou com dificuldades, podem ser explicados como uma forma de arranjo de contingências, tendo em vista os preceitos básicos da Análise do Comportamento. Moreira e Medeiros

(2007) trazem que, quando as contingências são previamente planejadas, é possível obter determinados comportamentos em contextos específicos.

Skinner (2003) acrescenta que denomina-se “reforço” quando as consequências aumentam a probabilidade de dado comportamento ocorrer novamente. Ou seja, ao modificar as tarefas do Protocolo, tornando-as mais dinamizadas, atraentes e reforçadoras, pode haver o aumento da probabilidade do comportamento de adesão (por parte dos adolescentes) acontecer mais vezes.

E, tendo em vista os relatos dos participantes e todos os dados levantados, além dos objetivos de cada sessão e as pesquisas realizadas sobre atividades dinamizadas, foi elaborada então uma releitura do Protocolo, que conta com a duração de dez encontros, visto que mais da metade dos participantes da pesquisa concordaram que esse é o tempo adequado para o processo de Orientação Profissional.

Nos quadros seguintes serão apresentadas as dez sessões propostas por Cynthia Borges em seu trabalho, com seus respectivos objetivos e atividades a serem desenvolvidas. Após a apresentação de cada uma delas, há a proposta da sessão adaptada, mantendo sempre os objetivos a serem cumpridos em cada uma delas.

Quadro 1 - Sessão de Pré-Orientação do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	Sessão Individual de Pré-Orientação
Objetivos	Conhecer e concordar com os objetivos e formato geral do funcionamento do grupo. Responder os instrumentos de Pré- Intervenção para posterior análise comparativa.
Atividades realizadas	Entrevista individual para apresentação do Projeto, explicitando os objetivos e o formato do programa. Aplicação do Instrumento de Pré e Pós intervenção (anexo 1 do Protocolo, que contém perguntas sobre quantas opções de profissões o indivíduo está considerando e o grau de informações sobre cada uma delas), e do EMEP (Escala de Maturidade para Escolha Profissional).

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 2 - Sessão de Pré-Orientação com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações	
<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar com a apresentação de um vídeo que traz o relato de pessoas famosas sobre o seu processo de escolha profissional: https://www.youtube.com/watch?v=wcWr7JFX9fY (duração de 2 minutos e 55 min). • Entrevista grupal para apresentação do Projeto, explicitando os objetivos e o formato do programa. • Dinâmica quebra-gelo e de apresentação: “Rodada de Entrevistas” Como funciona: os adolescentes devem formar um círculo e, no meio dele, haverá uma cadeira na qual cada participante deverá permanecer sentado, durante um minuto, respondendo a perguntas feitas pelos outros que estarão na roda. Essas perguntas devem ser voltadas para dados pessoais (nome, idade...), o que gosta de fazer, e perguntas sobre a infância, o que gostava de brincar, o que mais gostava na escola, entre outras. (Dinâmica retirada do site IBC Coaching). • Aplicação do Instrumento de Pré e Pós intervenção, e do EMEP (Escala de Maturidade para Escolha Profissional). • Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro. • O objetivo de “conhecer e integrar-se aos membros do grupo e os condutores”, que seria da 1ª sessão, passa a ser objetivo da sessão de pré orientação. • O anexo 1 deve ser entregue com adaptação: especificação das respostas na pré-orientação e no pós-orientação, para posterior comparação (ANEXO A). 	

Quadro 3 - Primeira Sessão do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	1ª Sessão: Definindo o problema de escolha
Objetivos	<p>Conhecer e integrar-se aos membros do grupo e aos orientadores.</p> <p>Expor suas expectativas em relação ao processo de Orientação Profissional.</p> <p>Definir seu problema de escolha profissional (identificar fatores que estão dificultando sua tomada de decisão profissional).</p>
Atividades realizadas	<p>Técnica do Objeto Representativo.</p> <p>Exposição da proposta de Orientação Profissional e estabelecimento do contrato de trabalho.</p> <p>Preenchimento e discussão do anexo 2 (que solicita um relato escrito sobre o que levou o indivíduo a participar do Programa de Orientação Profissional).</p> <p>Apresentação do anexo 3 (um fluxograma sobre o processo de escolha: quando o próprio indivíduo faz suas próprias escolhas e aprende com elas ou quando alguém decide por ele) e discussão.</p>

	Para descontrair, pede-se para que cada um dos participantes fale o nome dos demais, numa determinada sequência estabelecida, facilitando também o conhecimento dos membros.
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 4 - Primeira Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações	
<ul style="list-style-type: none"> • A Técnica do Objeto Representativo é retirada desta sessão, visto que o objetivo da mesma foi trabalhado na sessão de pré-orientação. • Exposição da proposta de Orientação Profissional e estabelecimento do contrato de trabalho. • Preenchimento e discussão do anexo 2. Ao invés de um relato escrito (texto com início, meio e fim), pede-se para que desenhem ou escrevam pequenos tópicos e/ou palavras que possam responder aos questionamentos solicitados. • Substituição do anexo 3 pela dinâmica “O Espelho”, com o objetivo de abordar sobre o momento de escolha. Como funciona: primeiramente, uma pessoa fará gestos e o grupo terá que reproduzi-lo, posteriormente, outra pessoa o fará, guiando todo grupo, e assim sucessivamente. (Dinâmica adaptada do site IBC Coaching). • Discussão sobre ter a própria escolha ou deixar que outros nos conduzam/decidam por nós. É importante ser ativo e consciente nesse processo, enfatizando que para que isso aconteça, é preciso se autoconhecer, além de fazer pesquisas, procurar informações em fontes confiáveis e etc para se chegar a uma conclusão. • Dinâmica “do emboladão”, a fim de promover interação entre os participantes, capacidade de socialização, paciência e liderança, bem como reforçar o conceito de grupo; Como funciona: primeiro os participantes devem dar as mãos formando um círculo. Depois o condutor da dinâmica pede que todos decorem quem está em seu lado esquerdo e direito, com seus respectivos nomes. Em seguida, todas as pessoas são orientadas a caminhar aleatoriamente pelo espaço. Após um tempo, o condutor pede que todos se abracem no centro do círculo, só que com as mãos dadas para quem estava anteriormente ao seu lado e sem sair do lugar. Em seguida, a roda deve se abrir sem que as pessoas soltem as mãos. Aqui vale pular braços, passar por baixo e qualquer manobra criativa. (Dinâmica retirada do site IBC Coaching). • Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro. 	

Quadro 5: Segunda Sessão do Protocolo de Orientação Profissional

Sessão	2ª Sessão: Conhecendo-se para escolher
Objetivos	<p>Identificar e descrever características pessoais, habilidades e atividades de interesse.</p> <p>Discutir a relação entre interesses, habilidades e potencial de aprendizagem e suas implicações para o desempenho de qualquer atividade profissional.</p>

<p>Atividades realizadas</p>	<p>Realização e discussão do Exercício combinado de autoconhecimento: anexo 4 do Protocolo (que contém 74 habilidades escritas, entre elas “estar no controle”, “correr riscos” e “preocupar-se com os outros”).</p> <p>Apresentação do anexo 5 (que possui a imagem de um labirinto e a frase “Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados”) e discussão para conclusão da sessão.</p>
-------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 6 - Segunda Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações
<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente é realizada a dinâmica do espelho para auxiliar no processo de autoconhecimento. Como funciona: um espelho é colocado dentro de uma caixa. Todos os participantes sentam em círculo e o condutor do grupo deve dizer: dentro dessa caixa há algo que representa uma pessoa, e quero que ao vê-la, vocês falem um pouco sobre essa pessoa, sobre o que vocês conhecem dela. Na sequência, a caixa fechada com o espelho dentro é entregue ao primeiro participante que deve abri-la, olhar para si no espelho, falar o que foi solicitado, fechar a caixa e passar para quem está do lado, sem que o outro veja o que tem dentro da caixa. (Dinâmica adaptada do site IBC Coaching). • Na sequência, é feita uma discussão sobre o que é uma característica, um interesse e uma habilidade. • Cada participante deverá receber uma folha e dividi-la em três colunas, com os respectivos nomes: características, interesses e habilidades. • Pedir para que preencham cada coluna, lembrando que características são adjetivos que se aplicam a cada um deles, interesses são atividades, temas e etc que lhes chamam atenção, e habilidades tudo aquilo que acreditam que conseguem fazer bem. • Discutir sobre o que preencheram na folha, enfatizando a relação entre interesse, habilidade e possibilidade de aprendizagem, relacionando ao desempenho em uma atividade profissional. • Assim, a primeira parte do anexo 4, utilizada para listar as 74 habilidades nos 4 quadrantes é retirada do Programa. • Anexo 5 para refletir: Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados, com outra imagem representando a frase (ANEXO B). • Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro.

Quadro 7 - Terceira Sessão do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	3ª Sessão: Relacionando características e profissões
Objetivos	<p>Relacionar características, capacidades e habilidades das pessoas frente às exigências das profissões e áreas de atuação selecionadas.</p> <p>Discutir a relação entre as profissões (profissão-profissão e indivíduo-profissão) e as diversas formas de classificação e combinação das profissões.</p> <p>Refletir sobre critérios para a seleção de alternativas profissionais e tomada de decisão.</p>
Atividades realizadas	<p>Técnica combinação profissões - características: técnica adaptada de Soares:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pede-se a cada participante que faça uma lista de profissões de seu conhecimento ou interesse (de 8 a 10 profissões). - Fazer uma única lista, tendo como base as individuais, sem repetir as profissões que foram mencionadas mais de uma vez. - O grupo maior é subdividido em grupos menores de 3 ou 4 participantes. - Cada subgrupo recebe papéis/cartolinas e canetas hidrográficas, e pede-se para que os participantes agrupem as profissões e as habilidades (do anexo 4) nesse cartaz, considerando os aspectos comuns entre as profissões. - Apresentação e discussão dos cartazes. - Entrega do exercício de autoconhecimento combinado para comparação dos resultados obtidos. <p>Apresentação do anexo 6 (que contém um fluxograma sobre as grandes áreas “humanas, biológicas, exatas e artes”, as respectivas habilidades necessárias em cada uma delas e exemplos de profissões de cada uma).</p> <p>Realização de uma nova lista de profissões de interesse para serem trabalhadas na sessão seguinte, de forma individual.</p>

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 8 - Terceira Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações
<ul style="list-style-type: none"> • Sugere-se uma atividade de relaxamento, podendo esta ser escolhida pelos condutores dos grupos; • Técnica combinação profissões - características: técnica adaptada de Soares: <ul style="list-style-type: none"> a) Pede-se a cada participante que faça uma lista de profissões de seu conhecimento ou interesse (3-5 opções); b) Fazer uma única lista, tendo como base as individuais, sem repetir as profissões que foram mencionadas mais de uma vez;

<p>c) Ao invés de subgrupos menores, todos devem trabalhar juntos, em equipe;</p> <p>d) O grupo recebe papéis/cartolinas e canetas hidrográficas, e pede-se para que os participantes agrupem as profissões listadas e as habilidades do anexo 4 no cartaz, considerando os aspectos comuns entre as profissões;</p> <p>e) Apresentação do cartaz e discussão sobre cada uma das habilidades, promovendo reflexões sobre habilidades – profissões – características próprias de cada adolescente;</p> <p>f) Entrega da folha com três colunas: características, interesses e habilidades para os adolescentes, para verificação de compatibilidades e discussão.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do anexo 6 e apresentação de slides (ANEXO C). • Levantamento de uma nova lista com profissões que estão considerando para maior aprofundamento, de forma individual. • Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro. • Dependendo da disponibilidade da escola e dos condutores, essa sessão pode ser ter um tempo maior, ou, pode ser dividida em dois momentos. O primeiro até a apresentação do cartaz elaborado em grupo, e o segundo, com a entrega da folha com as três colunas, apresentação e discussão do anexo 6, levantamento de uma nova lista de profissões e feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro.

Quadro 9 - Quarta e Quinta Sessões do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	4ª e 5ª Sessões: Investigando profissões
Objetivos	<p>Selecionar as profissões de interesse para investigação e busca de informação;</p> <p>Realizar leituras, em material informativo, sobre as profissões de interesse;</p> <p>Discutir a importância da pesquisa e da informação profissional sobre a seleção dos critérios de tomada de decisão;</p>
Atividades realizadas	<p>4ª Sessão:</p> <p>Distribuição das listas de profissões elaboradas por cada participante na sessão anterior;</p> <p>Verificação do anexo 6, para que vejam se querem acrescentar mais alguma profissão na lista;</p> <p>Distribuição de material informativo sobre os cursos e as profissões;</p> <p>Entrega do anexo 7 (que contém uma relação de manuais e sites para pesquisa de profissões) e discussão sobre as informações, relacionando com tudo que já foi trabalhado anteriormente.</p> <p>Passar a tarefa de casa para a <u>sexta sessão</u>: realizar uma entrevista com um profissional.</p> <p>Entrega e explicação do roteiro de entrevista, anexo 8 (que possui várias perguntas que podem ser feitas aos profissionais durante a entrevista).</p>

	<p>Apresentação e discussão do anexo 9 (que contém uma imagem de vários planetas e a frase “Abra seus horizontes”).</p> <p>Finalizar com apresentação de vídeos sobre as profissões.</p> <p>5ª Sessão: Discussão sobre o que foi pesquisado e análise da folha individual com as profissões de interesse para exclusão/adição de novas profissões.</p> <p>Pedir para que os adolescentes avaliem as profissões pesquisadas e atribuam um valor para cada curso (5, 4, 3, 2, 1 estrela), e fazer um momento de discussão sobre isso.</p> <p>Entrega do anexo 10, que traz orientações para a pesquisa com um profissional.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 10 - Quarta e Quinta Sessões com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações
<p>4ª Sessão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distribuição das listas de profissões elaboradas por cada participante na sessão anterior. • Verificação do anexo 6, para que vejam se querem acrescentar mais alguma profissão na lista. • Distribuição de material informativo sobre os cursos e as profissões. • Substituição do anexo 7 por uma das duas atividades: <ol style="list-style-type: none"> a) se na instituição houver a disponibilidade do uso de laboratórios de informática, os adolescentes serão instruídos a fazer pesquisas durante o período do encontro, tanto sobre as profissões em artigos, sites diversos (histórico da profissão, termos técnicos utilizados, o que fazem, etc) como pesquisas sobre faculdades locais, períodos de inscrições para vestibular, formas de ingresso nas instituições (Enem, Prouni, Fies, etc), valores das mensalidades, grade curricular, programas de auxílio estudantil, entre outros, presentes na região. É importante destacar que se considera como profissão não apenas aquelas que precisam necessariamente de uma graduação para serem exercidas. b) caso não haja disponibilidade de uso de laboratórios de informática para a realização das pesquisas, é importante que os próprios condutores do grupo preparem uma apresentação de slides, com prints de tela dos sites das universidades e de informações sobre elas, como grades curriculares, valores, dando ênfase também as formas de ingresso, aos programas de auxílio estudantil e outros presentes na região. É importante destacar que se considera como profissão não apenas aquelas que precisam necessariamente de uma graduação para serem exercidas, e, deve ser realizado um incentivo aos adolescentes para que façam mais pesquisas em casa, de forma aprofundada sobre as profissões que eles têm interesse. • Passar como tarefa de casa (para a sexta sessão), a realização de uma entrevista com um profissional. Mencionar que não é obrigatório, mas é muito importante. • Entrega e explicação do anexo 8, adaptado (ANEXO D).

- Apresentação e discussão do anexo 9, com imagens diferentes, mas com a mesma frase: “Abra seus horizontes” (ANEXO E).
- Apresentação de vídeos sobre as profissões apresentadas como de interesse pelos participantes no decorrer de todos os últimos encontros;
- Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro;

5ª Sessão

- Sugere-se que neste encontro seja realizada uma visita institucional a alguma universidade. Caso isso não seja possível, seria interessante que profissionais e/ou acadêmicos de diferentes cursos sejam convidados a participar do encontro, para uma roda de conversa, a fim de que sejam presentes relatos sobre as profissões, período de curso e etc.
- Sugere-se um lanche compartilhado entre todos.
- Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro.

Quadro 11 - Sexta Sessão do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	6ª Sessão: Olhando as profissões por outra perspectiva
Objetivos	<p>Aprofundar o conhecimento das profissões, desfazendo informações incorretas ou distorcidas sobre cursos e carreiras, por meio da realização e dramatização de entrevistas com profissionais de diversas áreas;</p> <p>Analisar, em grupo, a compatibilidade entre características pessoais e características exigidas pelas profissões de maior interesse de cada um;</p> <p>Tomar consciência de quais variáveis da realidade profissional devem compor os critérios individuais de escolha profissional.</p>
Atividades realizadas	Dramatização das entrevistas: <i>role play</i> ;

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 12 - Sexta Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações
<ul style="list-style-type: none"> • Realizar uma roda de conversa sobre o que visualizaram na visita institucional e/ou com a visita dos profissionais e acadêmicos no grupo, bem como os dados obtidos nas entrevistas, fazendo relação com as características e escolhas profissionais de cada participante. • Dinâmica: Trabalhando com rótulos; objetivo: identificação de estereótipos e percepção sobre profissões. Como funciona: com antecedência, são preparadas etiquetas com o nome de profissões

(de muito e pouco prestígio social). A turma é dividida em dois grupos e é solicitado para que um deles se retire da sala. Cada um dos adolescentes que saiu da sala terá uma etiqueta colada em suas costas, com o nome de uma profissão. Ao voltarem para a sala, devem se comunicar com pessoas do outro grupo, tentando, por meio de um diálogo, identificar a profissão sob a qual foi rotulado. Um detalhe importante: enquanto estiverem fora da sala, um participante não poderá falar para o outro o nome da profissão que está em suas costas, e, na conversa com o outro colega na sala, o outro colega poderá ver o que tem nas costas do participante, e deve conversar conforme conversaria com o profissional descrito ali, tanto em postura como em temas abordados, sem mencionar qual profissão está ali, de forma que o rotulado, adivinhe qual a profissão dada a ele.

(Dinâmica retirada do “Guia Tô no Rumo” jovens e escolha profissional).

- Discussão acerca da dinâmica realizada.
- Análise da folha individual, contendo as profissões de interesse, para exclusão/adição de novas profissões.
- Pedir para que os adolescentes avaliem as profissões pesquisadas e atribuam um valor para cada opção (5, 4, 3, 2, 1 estrela(s)), e fazer um momento de discussão sobre isso.
- Como na sessão anterior foram dadas as instruções sobre como realizar uma entrevista, a entrega do anexo 10 pode ser substituída por um momento de conversa (verbal), em que os condutores possam somente lembrar o que deve ser realizado (entrevista) para a próxima semana.
- Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro.

Quadro 13 - Sétima sessão do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	7ª Sessão: Selecionando critérios de decisão
Objetivos	<p>Identificar ou definir valores pessoais que comporão os critérios envolvidos na tomada de decisão (definir o que conta mais na hora de decidir);</p> <p>Definir metas pessoais ligadas ao alcance de metas profissionais a médio e longo prazo;</p> <p>Discutir alternativas de resolução dos problemas relacionados à tomada de decisão: como operacionalizar as informações obtidas em comportamentos direcionados à meta de escolha profissional;</p>
Atividades realizadas	<p>Realização do exercício de análise de critérios de escolha: anexo 11, no qual o indivíduo identifica quais são os valores que considera como mais importantes e qual o grau desses valores nas profissões que tem interesse;</p>

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 14: Sétima Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações	
	<ul style="list-style-type: none"> • Os nomes dos 10 valores podem ser escritos em um cartaz pelos condutores do grupo, antes do início da sessão; • Na sessão, primeiramente faz-se uma chuva de ideias sobre o que os participantes entendem por cada um dos valores. Na sequência, uma discussão sobre o significado de cada um dos valores; • Entrega, preenchimento e discussão do exercício de análise de critérios de escolha: anexo 11; • É importante que antes do preenchimento do anexo 11, os condutores deem um exemplo de uma profissão e façam a hierarquia dos 10 valores nessa profissão, a fim de clarificar como a atividade deverá ser realizada; • Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro;

Quadro 15: Oitava Sessão do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	8ª Sessão: Analisando o futuro diante da escolha presente
Objetivos	<p>Avaliar os resultados alcançados em relação aos objetivos da Orientação Profissional: escolha de uma profissão, restrição das opções profissionais e/ou aprendizagem do processo de tomada de decisão.</p> <p>Relatar as metas profissionais selecionadas e definir alguns passos para a concretização de tais metas a partir da aprendizagem ocorrida.</p> <p>Responder os instrumentos de Pós-Intervenção.</p>
Atividades realizadas	<p>Retrospectiva verbal de todos os encontros e respectivas atividades;</p> <p>Preenchimento e discussão do anexo 12 (que solicita um relato escrito sobre “Em que cresci com este grupo”);</p> <p>Feedback geral para o grupo;</p> <p>Distribuição e leitura do anexo 13 (que traz um resumo final dos tópicos discutidos ao longo da intervenção);</p> <p>Preenchimento do Instrumento de Pós- Intervenção e EMEP;</p>

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 16: Oitava Sessão com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações	
	<ul style="list-style-type: none"> • Devem ser disponibilizados 7 balões cheios e amarrados. Dentro de cada balão deve haver o número de uma sessão, bem como o tema trabalhado nela. Assim, é solicitado a sete adolescentes que se voluntariem para se aproximar dos balões e estourá-los. Ao verificar o número/nome da sessão, devem falar o que lembram daquele encontro e o que aprenderam com ele (os outros participantes podem auxiliar). • Pedir para que preencham o anexo 12, não obrigatoriamente com um texto com início, meio e fim, mas que escrevam tópicos, palavras ou façam um desenho que representem o crescimento ao longo do grupo. • Roda de conversa sobre o que escreveram no anexo 12, seguido do feedback geral para o grupo. • Distribuição e leitura do anexo 13. • Preenchimento do Instrumento de Pré e Pós Intervenção e EMEP. • Feedback verbal sobre a sessão, ao final do encontro.

Quadro 17: Sessão de Pós-Orientação do Protocolo de Orientação Profissional.

Sessão	Sessão individual pós-orientação
Objetivos	Fornecer feedback a cada participante sobre seu desempenho e desenvolvimento ao longo do processo de orientação;
Atividades realizadas	Entrevista devolutiva individual para discussão do desempenho e desenvolvimento ao longo do processo; Aplicação do anexo 14 (Inventário de Satisfação do Consumir, que possui questões que avaliam o grau de satisfação do indivíduo em relação ao Programa de uma forma geral) e do anexo 15 (Questionário de avaliação do programa, que contém questões para avaliar cada sessão) do Protocolo;

Fonte: Moura, 2004.

Quadro 18: Sessão individual Pós-Orientação com adaptações propostas pela autora da pesquisa.

Atividades e Adaptações	
	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação do anexo 14 do Protocolo, chamado ISC - Inventário de Satisfação do Consumidor; • Retirada do anexo 15, visto que foi realizado o feedback verbal sobre cada sessão, ao final de cada encontro. Cabe aos condutores anotar o que foi verbalizado pelos participantes, solicitando sugestões para que o Programa se torne ainda melhor; • Na sequência, de forma individual, a realização de uma entrevista devolutiva para discussão do desempenho ao longo do processo;

- Lanche compartilhado entre todos;

Em decorrência do número significativo de participantes que afirmaram ser grande a quantidade de atividades de leitura e escrita, e tendo em vista as maiores facilidades e dificuldades encontradas pelos condutores dos grupos, a proposta de releitura do Protocolo foi elaborada com atividades mais dinamizadas, mais voltadas para a realidade local dos adolescentes e de forma que se tornasse mais atraente para os adolescentes, além de mais eficiente para adolescentes pouco letrados.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo final traçar adaptações ao Protocolo de Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento, criado por Cynthia Borges, de forma a atender pessoas pouco letradas.

Assim, por meio dos relatos de experiência, dados levantados pelos participantes e pesquisas sobre dinâmicas de grupo, foi possível estruturar uma releitura do Programa, tendo em vista as adaptações já realizadas pelos condutores na replicação do Protocolo, as modificações que fariam quanto aos anexos e atividades e os objetivos identificados em cada uma das sessões.

No que se refere às facilidades encontradas na condução dos grupos, pode-se afirmar que estas foram quanto à execução de atividades mais dinâmicas e, no que diz respeito às dificuldades, alguns fatores devem ser mencionados, como o horário em que os grupos foram conduzidos, o número de tarefas propostas e a falta de compreensão por parte dos participantes da pesquisa quanto algumas instruções para a realização das tarefas.

Além disso, foi possível verificar características físicas, biológicas e comportamentais próprias da adolescência nos participantes dos grupos de Orientação Profissional e a presença de influências no processo de escolha por uma profissão, sendo notória a influência familiar (especialmente dos pais).

É importante destacar que o número de participantes dessa pesquisa que afirmaram conduzir grupos com adolescentes pouco letrados foi minoria diante da amostra total e, apesar disso, por meio dos relatos foi possível verificar que é unânime a opinião sobre a necessidade de modificar algumas atividades do Protocolo, para que sua replicação seja mais dinâmica.

Quanto à experiência na condução dos grupos, pode-se afirmar que esta foi satisfatória para todos os participantes da pesquisa, visto que todos a descreveram de maneira positiva, não desconsiderando os pontos que precisam ser melhorados.

Por fim, cabe ressaltar que seria interessante um outro estudo para entrevistar os indivíduos que já conduziram grupos de Orientação Profissional replicando o Protocolo de Cynthia e que não fizeram parte da amostra desta pesquisa, bem como para colocar em prática e avaliar os benefícios das atividades propostas na releitura construída neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ABADE, F.L. Orientação Profissional no Brasil: Uma Revisão Histórica da Produção Científica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p.15-24, jun. 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n1/v6n1a03.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1981.
- ALMEIDA, V. F; FARAGO, A. C. **A importância do letramento nas séries iniciais**. Graduação-Centro Universitário UNIFAFIBE-Bebedouro –SP Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v.1, n.1, p. 204-218, 2014.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. **Conheça nossa história**. 1993. Disponível em: <<http://abopbrasil.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- ABREU, J.L.C. Orientação profissional junto à população. In: LUCCHIARI, D.H.P.S. *et al* (Org). **Pensando e vivendo a Orientação Profissional**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1993. Cap. 12. p. 123-127.
- ABREU-RODRIGUES, J.; RIBEIRO, M. R., org. **Análise do Comportamento: Pesquisa, Teoria e Aplicação**. São Paulo: Artmed, 2005.
- AGUIAR, F. H. R.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Orientação vocacional e promoção da saúde integral em adolescentes. 2013. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 86-100.
- ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: Implicações na Orientação Profissional. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p.173-184, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a13v20n2.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2018.
- BALDWIN, J.D.; BALDWIN, J.I. **Princípios do Comportamento na Vida Diária**. 1986. Tradução: Turma de Psicologia Experimental, UFMG, 1987-1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, J. C. Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6 (2), 31-43, 2005.
- BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1997.
- BONETI, L. W. **Educação, exclusão e cidadania**. 3. ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2003.
- BORLOTI, E. *et al*. Análise Comportamental do Discurso: fundamentos e Método. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 1, p.101-110, mar.

2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n1/a12v24n1.pdf>>. Acesso em 30 out. 2018.

BORLOTI, E. *et al.* Análise comportamental do discurso: uma entrevista com uma paciente oncológica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, Vitória - ES, v. 3, n. 2, p.102-116, 2012.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990 (vigência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em 17 set. 2018.

BRASIL. **Lei do Aprendiz**: Lei federal nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2000 (vigência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm>. Acesso em 17 set. 2018.

BRÊTAS, J.R.S.; SILVA, C.V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 3, p.326-333, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n3/a15v18n3.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CAMPOS, A. C. V. *et al.* Qualidade de vida de adolescentes aprendizes brasileiros: um estudo quantitativo e qualitativo. **Revista de Enfermagem Ufpe**, Recife, p.709-718, mar. 2014. Mensal. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/9729/9822>>. Acesso em: 17 set. 2018.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto e Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p.679-684, nov. 2006.

CARVALHO, M. M. M. J. **Orientação Profissional em grupo**: Teoria e técnica. Campinas: Editorial Psy, 1995.

COELHO, C.C.B.; BARROS, M.F.F. **Psicoterapia Comportamental em Grupos**. 2012. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0256.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2018.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, A. J.; LIMA, B. A. C. R.; HAASE, V. G. (Org.). Meninos são melhores em Matemática! Você está certo disso? In: EKUNI, R.; ZEGGIO, L.; BUENO, O. F. A. **Caçadores de Neuromitos**: O que você sabe o seu cérebro é verdade?. São Paulo: Memnon, 2015. Cap. 13. p. 187-195.

CUNHA, C. G. S. **Avaliação de políticas públicas e programas governamentais**: tendências recentes e experiências no Brasil. Rio Grande do Sul: Secretaria de Coordenação e Planejamento, 2006.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, Á. L. **A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Artmed, 2005. p. 114-131.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul: Ufrgs, 2009. 120 p.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HELAL, D.H. Crianças e Adolescentes no Mercado de Trabalho Brasileiro:: Padrões e Tendências. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rey - Mg, v. 5, p.83-93, 2010. Mensal. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/helal.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, n1. v.17. jan/jun 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05>>. Acesso em 21 ago. 2018.

KERBAUY, R.R. Terapia comportamental de grupo. In: DELITTI, M.; DERDYK, P. (Org.). **Terapia Analítico Comportamental em Grupo**. Santo André - Sp: Esetec, 2008. Cap. 1. p. 17-29.

LUCCHIARI, D.H.P.S. O que é orientação profissional?: Uma nova proposta de atuação. In: LUCCHIARI, D.H.P.S. *et al* (Org.). **Pensando e vivendo a Orientação Profissional**. 3. ed. São Paulo - SP: Summus Editorial, 1993. Cap. 1. p. 7-16

LUCCHIARI, D.H.P.S. **O que é escolha profissional**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LUPPI, A.M.R. **Programas de orientação profissional: Análise sobre seu desenvolvimento e aplicação a partir de pesquisas em Análise do Comportamento**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

MARQUES, José R. **Dinâmicas de Apresentação Divertidas e Quebra-Gelo**. 2018. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/rh-gestao-pessoas/dinamicas-de-apresentacao-divertidas-e-quebra-gelo/>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

MARTIN, G.; PEAR, J. **Modificação de Comportamento: O que é e como fazer.** São Paulo: Roca, 2009.

MATOS, M. A.; TOMANARI, G. Y. **A Análise do Comportamento no laboratório didático.** São Paulo: Manole, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2002). **Resolução nº 466/2012.** Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em:
<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em 13 out. 2018.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOURA, C. B. **Orientação profissional: Avaliação de um programa sob o enfoque da análise do comportamento.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2000.

MOURA, Cynthia Borges de. **Orientação Profissional: sob o enfoque da análise do comportamento.** 4. ed. Campinas: Alínea, 2004.

MOURA, C. B.; SILVEIRA, J. M. Orientação Profissional sob o Enfoque da Análise do Comportamento: Avaliação de uma Experiência. **Revista Estudos de Psicologia Estudos de Psicologia**, PUC Campinas, v. 19, n.1, p.5-14, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a01.pdf>>. Acesso em 17 set. 2018.

MULLER, T. P.; SCHMIDT, J. S.; SOARES, D. H. P. Serviço de Orientação Profissional do Liop – UFSC à comunidade: Traçando novos caminhos. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Santa Catarina, p.37-54, jul. 2009. Mensal.

NEIVA, K. M. C. **Entendendo a orientação profissional.** São Paulo; Paulus, 1995.

OLIVEIRA, B. R. G.; ROBAZZI, M. L. C. C. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Maio 2001, vol.9, no.3, p.83-89. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11503.pdf>> Acesso em:18 set. 2018.

PALÁCIOS, J. O que é a adolescência. In: COLL, César *et al.* **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Cap. 20. p. 263-272.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SAMPAIO, A.A.S; AZEVEDO, F.H.B.; CARDOSO, L.R.D.; LIMA, C.; PEREIRA, M.B.R.; ANDERY, M.A.P.A.; Uma Introdução aos Delineamentos Experimentais de Sujeito Único. **Interação em Psicologia**, PUC – SP, 12(1), p. 151-164, 2008.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. (2012). **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. McGraw Hill Brasil.

SILVA, E.; MENEZES, E. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2001.

SILVA, M. S; SILVA, M. R; ALVES, M. F. P. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus. **Anais do 2º Congresso de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrest/Educa/Educa169.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B.F. **Sobre o Behaviorismo**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. 216 p. (Tradução de Maria Da Penha Villalobos).

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.

SOUZA, R.; ALMEIDA, W. **Guia Tô no Rumo: Jovens e Escolha Profissional**. 2014. Disponível em: <<http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Guia-To%CC%82-no-Rumo.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

WEBER, L. N. D. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. 4. ed. Curitiba - PR: Juruá, 2012. 160 p.

XAVIER, G. S. *et al.* Método Reno: uma proposta para análise comportamental do discurso. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, Campo Grande - RS, v. 8, n. 1, p.120-134, 30 ago. 2017. Associação Paradigma - Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v8n1/v8n1a09.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Ana Beatriz Dupré Silva, abaixo assinada, Coordenadora do Projeto de Extensão “Orientação Profissional” e responsável pelo Núcleo de Atendimento Educacional Especializado aos Discentes (Alteridade), do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), participante no projeto de pesquisa intitulado: DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, **DECLARO** ter lido e concordo com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia da realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, _____ de _____ de 2018.

ANA BEATRIZ DUPRÉ SILVA
Coordenadora do Projeto de Extensão e Responsável pelo Núcleo Alteridade
Professora/Psicóloga
CRP-23/0249

APÊNDICE B



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você, _____, está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa de conclusão de curso intitulada **DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**. Eu, **Rafaela de Abreu Martins**, sou a acadêmica pesquisadora do curso de Psicologia, orientada pela Professora Doutora Ana Beatriz Dupré Silva.

Abaixo serão esclarecidos detalhes sobre a pesquisa e, se você tiver interesse, deverá assinar nos campos em que se pede seu nome e assinatura nesse documento, em duas vias iguais, sendo que uma delas ficará com você. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhum tipo de penalidade.

1. Objetivo geral da pesquisa: Traçar adaptações ao Protocolo de Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento, criado por Cynthia Borges, de forma a atender pessoas pouco letradas.

2. Justificativa: Ao executar o programa-modelo proposto por Cynthia Borges com indivíduos pouco letrados, percebeu-se a necessidade de adaptações nas tarefas, visto que os participantes estavam apresentando pouco engajamento para a realização das mesmas. E, por meio da escuta e análise comportamental do seu discurso e de outras pessoas que conduziram grupos baseados neste Protocolo, será possível traçar as devidas adaptações ao Programa de Orientação Profissional, a fim de atender com melhor eficiência os participantes pouco letrados que vierem a participar do Projeto.

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

3. Procedimentos: Os dados serão coletados por meio de uma entrevista semiestruturada com você e com outros indivíduos que já conduziram grupos de Orientação Profissional baseados no Protocolo criado por Cynthia Borges, durante a graduação no curso de Psicologia do CEULP/ULBRA. Em um primeiro momento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será lido e, mediante o seu interesse, assinado. Na sequência haverá a aplicação da entrevista. O dia e o horário do encontro serão combinados de acordo com a sua e a minha (pesquisadora) disponibilidade de tempo. Será realizado apenas um encontro com você, de forma individual e com duração de no máximo uma hora.

4. Benefícios esperados: Você e os outros participantes desse estudo fazem parte da classe profissional de psicólogos e/ou estudantes de Psicologia, e os benefícios também serão diretamente para vocês, visto que os resultados proporcionarão a atualização do programa-modelo de Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento, e este programa atualizado poderá ser utilizado por vocês quando houver a necessidade de adaptações para adolescentes pouco letrados. De forma indireta, outros adolescentes pouco letrados que virem a participar do grupo de Orientação Profissional também serão beneficiados, pois as atividades estarão mais voltadas para as suas respectivas realidades, permitindo um amadurecimento de escolha profissional com mais eficiência.

5. Riscos: Quanto aos riscos, é possível que você tenha vivenciado dificuldades na condução dos grupos e/ou possa não ter alcançado o objetivo das atividades propostas, e, ao lembrar tais acontecimentos, pode haver a presença de desconforto e/ou tristeza. Na presença de algum desconforto, você poderá interromper a entrevista e, caso necessário, eu o encaminharei para o Serviço Escola de Psicologia (SEPSI) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

6. Eu, Rafaela de Abreu Martins (acadêmica pesquisadora), juntamente com a pesquisadora-responsável (Ana Beatriz Dupré Silva) nos comprometemos em garantir a você todos os esclarecimentos necessários sobre a metodologia deste estudo, antes e durante toda pesquisa, bem como nos comprometemos com a liberdade que você terá de se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízos. Nos comprometemos ainda com a garantia do sigilo quanto aos seus dados pessoais e confidenciais envolvidos neste estudo, assegurando-lhe absoluta privacidade.

7. Ressarcimento e indenização: os dados referentes à participação na pesquisa serão assumidos por mim, Rafaela de Abreu Martins (acadêmica pesquisadora). Fica garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial. Não há nenhum tipo de remuneração por sua participação, uma vez que se trata de ação voluntária. É seu direito ter acesso aos resultados deste estudo, portanto, uma vez encerrada a pesquisa, será feito o contato marcando um encontro com você para apresentá-los.

CONTATOS

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEPCEULP. Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul - Palmas – TO CEP 77018-900. Telefone: (63) 3219-8076. E-mail: etica@ceulp.edu.br.

Rafaela de Abreu Martins

Endereço: X, Palmas – TO.

E-mail: X

Telefone: (XX) XXXXXXXXXX

Ana Beatriz Dupré Silva

Endereço: X, Palmas – TO.

E-mail: X

Telefone: (XX) XXXXXXXXXX

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

Apêndice C

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Entrevista semiestruturada da pesquisa intitulada: **Dinamizando um Protocolo de Orientação Profissional**

1. Nome:
2. Escolaridade: () em formação () egresso
Se em formação, qual período?
Se egresso, qual o semestre/ano de conclusão do curso?
3. Como você teve acesso ao projeto de extensão “Orientação Profissional”?
4. Quantos grupos você teve oportunidade de conduzir até o momento presente?
5. Em instituições públicas ou privadas?
6. Acredita que a duração de 10 encontros (incluindo as duas sessões de pré e pós orientação) seja:
 - a) curto
 - b) muito curto
 - c) suficiente
 - d) adequado
 - e) demorado
 - f) muito demorado
7. Quantas pessoas conduziram o grupo com você?
8. No grupo conduzido por você, havia algum participante pouco letrado? Se sim, este foi auxiliado? De que forma?
9. Durante a execução do Protocolo, algum participante apresentou alguma dificuldade na realização das atividades?
10. Todos colaboraram positivamente e se engajaram nas atividades?
11. Você conseguiu observar algum comportamento ou características físicas que sejam próprios da adolescência?

12. Você conseguiu perceber se algum adolescente não estava fazendo escolhas por si, mas sim pelo que outras pessoas queriam para seu futuro?

13. Quanto ao número de atividades de leitura e escrita, você percebe que são poucas, suficientes ou muitas?

14. Sentiu alguma dificuldade na replicação do Protocolo?

15. Quanto as atividades:

a) documento pré e pós orientação e teste EMEP (Escala de Maturidade para Escolha Profissional)

b) relato escrito sobre dificuldades de decisão e expectativas (1ª sessão)

c) exercício escrito de gosto e faço (2ª sessão)

d) cartaz com as profissões e características (3ª sessão)

e) pesquisa em materiais em manuais, guias e artigos (4ª e 5ª sessões)

f) realização e dramatização da entrevista com profissionais da área de interesse (6ª sessão)

g) exercício de análise de critérios de escolha (7ª sessão)

h) relato escrito sobre o processo de tomada de decisão (8ª sessão)

i) Inventário de Satisfação do Consumidor e Questionário de avaliação do Programa (pós-orientação)

Você fez alguma adaptação? Ou pensa que seria interessante fazer alguma? Qual (is)?

16. De forma geral, como descreveria a experiência de conduzir um grupo de Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento, conforme o Protocolo proposto por Cynthia Borges?

Apêndice D

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)
DA PESQUISA**

Eu, _____,
abaixo qualificado(a), DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de voluntário(a) da mesma, que fui devidamente esclarecido sobre o Projeto de Pesquisa intitulada: DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, desenvolvido pela Acadêmica Pesquisadora Rafaela de Abreu Martins e pela Orientadora e Pesquisadora Responsável Profa. Doutora Ana Beatriz Dupré Silva.

Assim, DECLARO que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora, ter lido este Termo e ter entendido o que me foi explicado oralmente e devidamente apresentado neste documento, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa rubricando todas as folhas deste Termo e assinando a última.

Palmas, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da Acadêmica Pesquisadora
Rafaela de Abreu Martins

Assinatura da Pesquisadora Responsável
Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva

APÊNDICE E

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Eu, Ana Beatriz Dupré Silva, abaixo assinada, pesquisadora responsável envolvida no projeto intitulado DINAMIZANDO UM PROTOCOLO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, declaro estar ciente de todos os detalhes inerentes à pesquisa e COMPROMETO-ME a acompanhar todo processo, prezando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional Ética em Pesquisa - CONEP nº 001/13, especialmente no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. COMPROMETO-ME também a anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo sigilo. Por fim, ASSEGURO que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno só isso, acesso a procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, ____ de _____ de 2019.

Ana Beatriz Dupré Silva
Professora/Psicóloga do CEULP/ULBRA
CRP- 23/0249

ANEXOS

ANEXO A

ANEXO 1

Data de aplicação:

Instrumento de Pré e Pós Intervenção

Programa de Orientação Profissional Ficha de Inscrição	
Nome: Sexo: <input type="checkbox"/> Masc <input type="checkbox"/> Fem.	
Endereço:	
Telefone:	Escolaridade:
Data de nascimento:	Idade:

1. Você procurou este Programa de Orientação Profissional, porque deseja escolher uma profissão. Quantas profissões você está considerando? Quais são elas?

Pré Intervenção

- Nenhuma
- Apenas uma
- Duas
- Três
- Quatro ou mais

Pós Intervenção

- Nenhuma
- Apenas uma
- Duas
- Três
- Quatro ou mais

1ª opção:	1ª opção:
2ª opção:	2ª opção:
3ª opção	3ª opção
Outras opções:	Outras opções:

2. Pensando nas características, exigências e atividades de cada profissão que você está considerando (escritas no número 1), marque um "x" em cada linha, no espaço que representa o nível de informação que você tem sobre cada uma de suas opções:

Pré Intervenção

Quanto à opção	Níveis de informação			
	Bem informado	Razoavelmente informado	Pouco informado	Sem informação
1ª opção				
2ª opção				
3ª opção				

Pós Intervenção

Quanto à opção	Níveis de informação			
	Bem informado	Razoavelmente informado	Pouco informado	Sem informação
1ª				
2ª				
3ª				

3. Com relação à escolha profissional você sente que:

Pré Orientação	a) Está com grande dificuldade para tomar a decisão b) Está com dificuldade para tomar a decisão c) Está indeciso d) Já está quase decidido e) Já fez sua escolha
Pós Orientação	a) Está com grande dificuldade para tomar a decisão b) Está com dificuldade para tomar a decisão c) Está indeciso d) Já está quase decidido e) Já fez sua escolha

4. Em relação à sua escolha profissional você se sente:

Pré Orientação	a) Muito seguro b) Inseguro c) Mais ou menos seguro d) Seguro e) Inteiramente seguro
Pós Orientação	a) Muito seguro b) Inseguro c) Mais ou menos seguro d) Seguro e) Inteiramente seguro

ANEXO B

Versão adaptada do anexo 5 do Protocolo de Cynthia Borges

“Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados.”

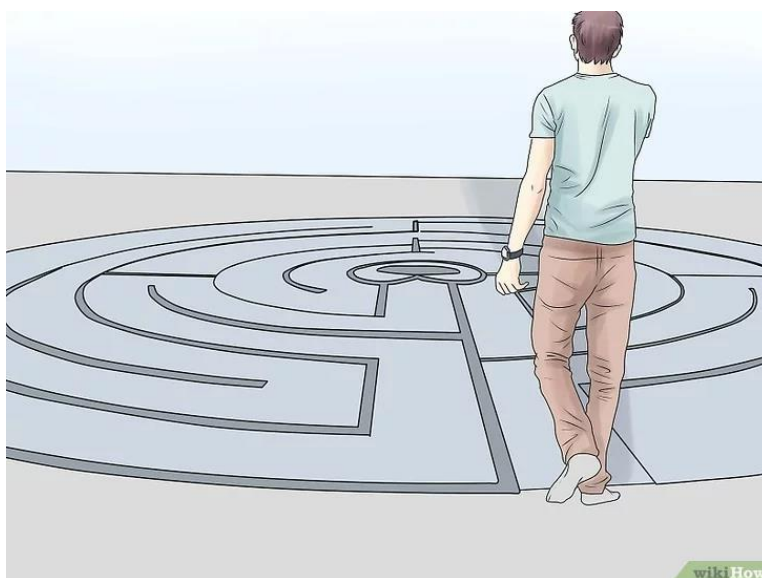


Imagem disponível em: <https://pt.wikihow.com/Meditar-Em-Um-Labirinto>



Imagem disponível em: <http://www.emdiálogo.uff.br/tags/planos>

ANEXO C

Conteúdo para Apresentação de Slide: Terceira Sessão do Protocolo adaptada.

- Além das profissões presentes no anexo do Programa, existe alguma outra que é de seu interesse e não foi mencionada? Se sim, qual(is)?
 - Vamos descobrir juntos em qual área ela(s) se encaixa(m)?
- Além da classificação descrita acima, há ainda a classificação realizada pelo Exame Nacional do Ensino Médio, que englobam 4 grandes áreas:
- a) Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia).
 - b) Ciências Humanas e suas Tecnologias (Química, Biologia e Física).
 - c) Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física, Tecnologias da Informação e Comunicação.
 - d) Matemática e suas Tecnologias: Matemática.

(FONTE: VIEIRA, Nara Núbia. **As provas das quatro áreas do Enem vistas como prova única na ótica de modelos da teoria da resposta ao item uni e multidimensional**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Métodos e Gestão em Avaliação da Educação, UFSC, Florianópolis, 2016.)

- Exemplos de Cursos Técnicos: Técnico em Enfermagem, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Estética, Eventos, Administração, Agroindústria, Segurança do Trabalho, Telecomunicações, entre outros.
Fonte: Mundo Vestibular, 2019.
- Existem ainda profissões que não precisam de curso técnico e/ou superior: artesão, empreendedor, profissional de beleza, fotógrafo... você consegue pensar em outras?

Ficou com alguma dúvida? Curiosidade? “Mão na massa”, vamos pesquisar! :D

ANEXO D

Versão adaptada do anexo 8 do Protocolo de Cynthia Borges

Roteiro para entrevista com profissionais

1. Profissão do entrevistado:
2. Tempo de formado:
3. O que te levou a escolher essa profissão?
4. Consegue lembrar de como foi sua graduação? Em termos de oportunidade de estágio, disciplinas e afins.
5. Como é a sua rotina de trabalho?
6. O que você mais gosta de fazer? O que menos gosta?
7. Qual(is) os maiores desafios que você enfrenta como ____ (nome da profissão)?
8. Além das atividades exercidas por você, existe(m) outra(s) que podem ser realizadas, que são da sua área?
9. Você considera que a remuneração que tem, por seu trabalho, é justa?
10. O que você falaria para uma pessoa que pensa em seguir essa mesma profissão?

ANEXO E

Versão adaptada do anexo 9 do Protocolo de Cynthia Borges

“Abra seus horizontes”



Imagem disponível em: <https://pt.sainte-anastasio.org/articles/bienestar/7-frases-de-mafalda-para-abrir-los-ojos.html>